



ESTUDO DA ELABORAÇÃO DAS EMOÇÕES NA CRIANÇA  
ATRAVÉS DO TESTE PROJECTIVO “ERA UMA VEZ...”

Maira Alexandra da Silva Pires

Orientador de Dissertação:  
Prof. Dr. António José dos Santos

Coordenador de Seminário de Dissertação:  
Profº Dr. António Pires

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia  
Especialidade em Psicologia Clínica

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. António José dos Santos apresentada no ISPA- Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES nº19673/2006 publicado em Diário de República 2º série de 26 de Setembro, 2006.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Prof. Dr. António José dos Santos, pela sua orientação, disponibilidade e motivação, mesmo quando nem tudo corria como planeado.

Agradeço também aos meus familiares e amigos pelo acompanhamento e compreensão nesta minha etapa, por me auxiliarem e perceberem o meu objectivo e trabalho.

Deixo também um agradecimento às famílias que aceitaram que os filhos participassem neste meu estudo e acima de tudo à escola que se disponibilizou e que me acompanhou nesta recolha de dados.

A todos um Obrigado!

## **Resumo**

O tema das emoções tem suscitado, ao longo dos tempos, um aumento do interesse por parte de vários investigadores. Sendo que os diversos estudos realizados têm contribuído para a percepção da sua importância no desenvolvimento humano. Para tal, neste presente estudo pretende-se estudar a elaboração das emoções em crianças de dois níveis de escolaridade distintos (1º e 4ºano), assim como as diferenças entre géneros (masculino/feminino) através da prova projectiva “Era uma vez...”. Assim, escolheu-se um grupo de 29 crianças, com idades entre os 5-11 anos, a frequentarem o 1ºciclo do ensino primário.

Palavras-chave: Emoções; “Era uma vez...”; Escolaridade; Género

## **Abstract**

The theme of emotions has raised, over time, an increase in the interest on the part of several researchers. And the various studies have contributed to the perception of their importance in human development. In this sense, we intend to study children in two distinct levels of scolarity (1st and 4th year) as well as the differences between genders (male/female) by means of the projective proof "Once upon a time...". Thus, was chosen a group of 29 children, with ages between 5-11 years, attending the first cycle of primary education.

Key-words: Emotions; "Once upon a time..."; Sclarity; Age.

## Índice

Listagem de Quadros	
Agradecimentos .....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
I- Introdução.....	1
1. Emoções.....	1
2. Teste Projectivo “Era uma vez...”.....	5
II. Método.....	12
1. Participantes.....	12
2. Instrumentos.....	12
3. Procedimentos.....	17
III. Análise dos resultados.....	19
IV. Discussão dos Resultados.....	46
V. Referências bibliográficas.....	52

### Listagem de Quadros

Quadro 1- Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para a totalidade da amostra

Quadro 2- Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o 1º ano

Quadro 3- Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o 4ºano

Quadro 4- Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o género Feminino

Quadro 5- Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o género Masculino

Quadro 6- Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão I

Quadro 7- :Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão II

Quadro 8- Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão III

Quadro 9- Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão IV

Quadro 10- Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão V

Quadro 11- Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão VI

Quadro 12- Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão VII

## Introdução

### 1. Emoções

Desde os tempos mais antigos, existiram autores que se inclinaram para o estudo das emoções. Numa base mais filosófica procuraram compreender a contribuição da filosofia para o entendimento das emoções no indivíduo enquanto ser pensante, destacando-se, como exemplo, grandes filósofos como Platão, que considerava que a alma se encontrava tripartida em três aspectos, a razão, o espírito e o desejo, estando as emoções presentes entre estes aspectos. Aristóteles defendia que as emoções eram essenciais para se ter uma boa vida, e que parte da sua análise estava relacionada com a ética (Solomon, 2004). Já numa base mais literária, quiseram dar ao leitor a oportunidade de compreender o seu lado emocional através da ficção e das personagens envolventes, um método muito visível nos livros que foram escritos pelo romancista George Elliot (Oatley & Jenkins, 2002). Também diferentes ciências sociais e naturais, situadas fora da psicologia têm investigado as emoções: a Antropologia, com a preocupação de relacionar as emoções com o evoluir das sociedades, o importante é a emoção humana, o seu significado cultural e relação com a comunicação e interacção social; a História com a construção de um percurso histórico das emoções; e a Sociologia, preocupada com o papel dos processos sociais (Strongman, 1996). Numa abordagem mais corporal, William James, defendia não só a capacidade das emoções modificarem o indivíduo psicologicamente, mas também a nível corporal, quando perante “*emoções grosseira*”, como ele chamou às emoções capazes de provocar distúrbios corporais de intensidade variável, (Oatley & Jenkins, 2002). De acordo com James-Lange, e a sua controversa teoria “*as modificações corporais seguem-se imediatamente à PERCEPÇÃO do facto existente e a nossa sensação dessas modificações, à medida que ocorrem, É a emoção*”, razão que a levou a ser a teoria que teve mais impacto naquela época (1884, p.189; itálico e maiúsculas seus; citado por Strongman, 1996). Mencionando uma perspectiva mais psicoterapêutica, Sigmund Freud, também contribuiu para a formulação de uma teoria das emoções, com a proposta de três teorias, a teoria dos traumas emocionais, a teoria dos conflitos internos e a teoria da compulsão à repetição. Defendendo que algumas das emoções e seus significados apenas se tornam mais conscientes e se percebem quando são relatadas a outra pessoa ou quando o indivíduo se debruça sobre elas, utilizando a reflexão, caso

contrário, permanecem inconscientes e surgem posteriormente sob a forma de sintomas inexplicáveis (Oatley & Jenkins, 2002).

No campo das ciências humanas, desde o tempo de Darwin, com a publicação do livro *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (1872), as emoções são abordadas como tendo uma qualidade primitiva e um importante contributo para a compreensão do desenvolvimento humano. Pois neste livro considera, de um modo particular, o estudo das expressões emocionais no homem e nos animais, e na globalidade, as emoções como padrões de acção, tendo a preocupação de diferenciar os diversos tipos de emoções existentes no homem (Darwin, 2006). Também as neurociências têm desempenhado um papel relevante no estudo das emoções. Segundo esta perspectiva, estas são desencadeadas por determinados estímulos (objectos/situações, reais/imaginários) que originam um determinado conjunto de acções, de acordo com o tipo de emoção, provocando alterações fisiológicas que variam de pessoa para pessoa, realçando também a existência de estratégias cognitivas que estão ligadas às acções.

Apesar de, desde há algum tempo, muitos autores e investigadores se debruçarem sobre o estudo das emoções, o que se torna visível é que, na actualidade ainda existem questões que, embora estudadas, não foram resolvidas ou relação às quais ainda não se chegou a um consenso. Uma delas é referente à definição das emoções. William James (1884) publicou um artigo importante, onde levantou a questão “O que é uma emoção?”, dando a entender que não havia uma resposta óbvia. Também outros autores, como Solomon, procuraram responder a esta mesma questão, mas a maior parte apenas concluiu que todos sabem o que são as emoções, até ao momento de terem de as explicar, pois quando consideram estar perante uma nova definição, surge uma outra teoria, que põe em causa tudo o que foi dito (Solomon, 2004). Aliás Mandler (1984), afirmou que “demasiados psicólogos ainda não conseguem aceitar actualmente, que não há qualquer definição comumente, nem mesmo superficialmente, aceitável do que constitui uma psicologia da emoção” (p.16). Numa perspectiva neurobiológica, António Damásio (2004) também levanta uma questão semelhante, mas introduz outra componente que são os sentimentos, considerando as emoções como reacções corporais, causadas por um conjunto de respostas neurais, produzidas automaticamente pelo cérebro perante estímulos emocionais adequados, ou seja, estes estímulos vão activar determinadas regiões do cérebro, designadas pelo autor como regiões de indução, que

irão conduzir à execução da emoção, e os sentimentos são uma “*representação mental das mudanças fisiológicas que ocorrem durante uma emoção*” (p.52) (Manstead, Fridja & Fischer, 2004).

Deste modo, diferentes perspectivas tentam definir as emoções, embora sejam difíceis de serem consensualmente definidas o que, por sua vez, as torna também difíceis de medir. Assim, perante tanta incerteza na sua definição, surge a questão: “Será que se tornam possíveis de reconhecer quando se vêem?”. Como tentativa de resposta, diversas áreas tentaram criar listas de tipos de emoções. Por exemplo, os psicólogos incluem na lista das principais emoções, a alegria, a tristeza, o medo e a raiva. Já outros mencionam também o desgosto, a felicidade, a surpresa, a esperança, a vergonha, o amor/ódio, existindo portanto uma diversidade de emoções (Damásio, 1999). Uma questão semelhante surge quanto à capacidade de medição das mesmas, uma vez que, como não têm uma definição clara e consensual, existe dificuldade na construção e selecção dos instrumentos. António Damásio (1999, 2003), na área das neurociências, chegou a recomendar que as emoções, sobretudo em estudos científicos, apenas fossem medidas através da observação de determinados comportamentos, como o ataque e a fuga, ignorando os sentimentos (Kalat & Shidta, 2007). Com esta recomendação, este autor considerou que as emoções se baseavam apenas nesses tipos de comportamentos, tirando o sentido da própria palavra emoção, que engloba os comportamentos/acções, mas também os sentimentos. Apesar desta dificuldade, foram-se desenvolvendo metodologias de medição, onde os métodos mais usados para medir as emoções, no campo da psicologia são os questionários, os auto-relatos, as medidas fisiológicas (pressão arterial, batimento cardíaco, actividade cerebral, etc.) e a observação de comportamentos (expressões faciais, reacções de fuga ou ataque, etc.).

Não é possível falar de emoção, quanto à sua origem e definição, sem se abordar as suas características e variedades. Assim, na lista das emoções mais estudadas, surge o medo, considerado como uma emoção básica que surge como tentativa de proteger e assegurar a integridade física e psicológica do indivíduo, a raiva que surge como um protesto, insegurança ou frustração contra alguém ou algo e a tristeza que simboliza desânimo perante determinada situação ou perda de alguém ou algo desejado e querido. A vergonha é considerada como um sentimento de timidez e/ou desonra, a culpa surge perante um comportamento efectuado que é reprovável pelo sujeito que o realizou e a aversão pode ser no sentido de repugnância por algum objecto, situação ou pessoa. No

campo das emoções positivas, surge a alegria que determina um estado de felicidade ou contentamento, o interesse numa determinada situação ou objecto que conduz à sua exploração, e o orgulho, que apesar de normalmente se associar a uma emoção negativa, remete para a satisfação pessoal de ter realizado algo digno e valorizado (Strongman 1998, Lewis 2004, Melo 2005). Assim, o indivíduo, e de acordo com os acontecimentos ao longo da sua vida, está susceptível a um elevado número de emoções em simultâneo e, por vezes, contraditórias, sendo então necessário que o organismo desenvolva um meio de as controlar, levantando-se a questão da regulação emocional. Koop (1989) considerou que a regulação emocional ocorre em vários níveis, dos níveis mais básicos (estratégias biologicamente programadas), ao nível superior (estratégias cognitivas básicas e de aprendizagem essencialmente associativa) até ao nível mais superior (estratégias de planeamento, orientadas para um determinado objectivo e assentes na capacidade linguística). Mas nem todos os autores defendem esta hierarquização da regulação emocional. De acordo com Gross (1999), a regulação emocional permite ou activar as emoções e aumentar a sua intensidade, ou substituir experiências emocionais que se revelem desajustadas. Considerando que as emoções são constituídas por múltiplas componentes de domínio experimental, comportamental e fisiológico, indo a regulação emocional actuar sobre estes sistemas que desencadeiam as respostas emocionais, mas sem o objectivo de alterar o propósito da emoção.

Após a referência às emoções numa perspectiva mais generalista, torna-se essencial focar o objectivo deste estudo, que são as emoções nas crianças. Existe, por isso, a necessidade de entender como ocorre o desenvolvimento emocional da criança, o modo como compreendem as suas e as emoções dos outros e a forma como elaboram as emoções (objectivo primordial do estudo). Nos bebés e nas crianças, as emoções são mais frequentes e mais espontâneas do que na fase adulta. Com o desenvolvimento físico e psicológico, as crianças adquirem um maior número e variedade de emoções, sendo visível sobretudo o conhecimento das emoções básicas por volta dos três anos de idade, e mais tarde o conhecimento das emoções sociais (Izard & Harris, 1995). Além disso, as crianças têm ainda a capacidade de associar acontecimentos vividos em diversos contextos, como o familiar, às diferentes emoções e vice-versa por volta dos 2/3 anos (Denham, 1986; Harris, 1994) e também de acordo com as suas expressões faciais são capazes de as ligar aos diversas emoções que conhecem (Russel & Bullock, 1986). Embora que, apesar de compreenderem um pouco das suas emoções e dos

outros, ainda não conseguem controlar e regular a intensidade das mesmas quando estas surgem, pois isto é uma capacidade que adquirem ao longo de todo o seu desenvolvimento (Kalat & Shiota, 2007).

Desenvolvendo mais esta temática, torna-se essencial analisar o desenvolvimento emocional do bebé, que desde muito cedo apresenta emoções positivas e negativas. A primeira emoção que surge logo após o nascimento é o choro, que expressa a angústia por parte do bebé, servindo como um modo de comunicação entre ele e os prestadores de cuidados, para poder expressar que necessita de algo ou que está desconfortável (Bowlby, 1969). Já a primeira emoção positiva manifestada pelo bebé é o sorriso, que normalmente está associado a um momento de relaxamento e que nas primeiras semanas (com três semanas), surge sobretudo durante o sono, no período REM. Apenas algumas semanas mais tarde, é que começa a estar associado a uma qualquer experiência nova e agradável e já entre os 6-8 meses, desenvolve-se o chamado sorriso social, iniciando-se a troca de sorrisos com outras pessoas fora do círculo familiar (Wolff, 1987). Todo este processo vai evoluindo à medida que o bebé vai crescendo e adquirindo uma progressiva maturação física e cognitiva, que lhe permite adquirir um maior conjunto de novas experiências e consequentes emoções. Deste modo, com o adquirir da linguagem, a capacidade da criança para falar e reflectir sobre as emoções aumenta, bem como a capacidade para comentar e pensar sobre as suas experiências emocionais, através do diálogo com outras pessoas. Este diálogo, por sua vez vai depender das qualidades afectivas das relações estabelecidas (familiares e de amizade). Assim a linguagem assume um papel decisivo para o desenvolvimento da compreensão das emoções (Dunn, 2004).

## **2. Teste Projectivo “Era uma vez...”**

Um dos métodos utilizados para a medição das emoções nas crianças, mais propriamente a forma como elas elaboram as mesmas, e que é de interesse para o nosso estudo é o teste projectivo “Era uma vez...” da Teresa Fagulha. Falando brevemente da sua história, pode-se enunciar algumas das datas mais importantes. Esta prova surgiu em 1992, como Dissertação de Doutoramento à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, por parte da autora. No ano seguinte, foi editado o material e respectivo manual, ocorrendo em 1997 uma segunda edição. Desde

a sua criação tem sido divulgada em diversas reuniões científicas, quer a nível nacional quer internacional e utilizada em várias investigações portuguesas.

Após uma breve explicação da sua origem, torna-se essencial falar qual é o seu objectivo, isto é, o que se propõe a medir e a avaliar, qual o seu paradigma básico, e a razão pela qual foi criada. Deste modo, esta pretende “*Descrever a forma como as crianças elaboram as emoções, essencialmente a ansiedade e o prazer, estados afectivos cuja função adaptativa tem uma relevância particular no desenvolvimento psicológico*” (Fagulha, 1997, p.8), ou seja, como nova técnica projectiva para crianças, procura fornecer um meio de observação do modo como elas lidam com a ansiedade e o prazer. Emoções estas em que cuja elaboração e organização indiciam aspectos fundamentais na organização dos processos mentais e são essenciais na estruturação e desenvolvimento da personalidade.

Para a sua elaboração e construção, a prova foi orientada por um paradigma básico que é a *área intermédia da experiência*, que consiste no espaço entre a fantasia e a realidade, espaço este onde se elaboram as experiências emocionais. (Winnicott, 1971)

Assim, foi criada “*com o objectivo de criar uma situação que, tendo em como paradigma a actividade lúdica, proporcionasse uma forma simplificada de aceder a esse espaço transaccional e facilitasse a leitura dos significados nele expresso pelas crianças*” (Fagulha, 1997, p.8).

A prova faz com que exista a oportunidade de desenvolver um amplo espaço lúdico que possibilita e facilita vários parâmetros, como a comunicação, a expressão corporal, a instrução, e o relacionamento. Isto, devido ao facto desta ser composta por histórias comuns na vida infantil e implicar também o contar e o completar, o que faz com que a criança se sinta uma parte interveniente. Consequentemente, facilita a compreensão do modo como esta percebe o mundo que a rodeia e no qual vive, sobretudo em relação ao aspecto emocional. Outro aspecto a ter em consideração são os estímulos que a constituem, que foram elaborados ou desenhados da forma mais neutra possível, havendo entre eles e o “objecto-brinquedo” uma similitude. Assim a criança pode manipular e seleccionar as cenas de modo a que consiga organizar uma forma de expressão e comunicação com ela e com o observador, isto é, com o psicólogo.

As características do material em conjunto com a forma como é aplicado, caracteriza uma prática clínica inserida no quadro das teorias psicodinâmicas do funcionamento psicológico.

Falando um pouco das duas emoções fundamentais que este teste projectivo analisa, a ansiedade e o prazer, percebe-se que estas, como já referido, são importantes e podem determinar o desenvolvimento psicológico. De acordo com Freud, a ansiedade encontra-se presente desde o início da vida, sendo considerada uma emoção dolorosa. Outros que se debruçaram sobre esta emoção, afirmaram que muitos medos e ansiedades fazem parte do desenvolvimento normal, sendo originários de experiências intrínsecas à sequência do desenvolvimento. Estes são expressos mais espontaneamente pelas crianças do que pelos adultos, em que, a sua ausência pode ser um aspecto relevante de diagnóstico.

Relativamente ao prazer, este também está presente desde o início e ao longo de toda a vida, sendo que as experiências de prazer têm uma função organizativa. Estas podem surgir como compensatórias das experiências dolorosas, ou seja, podem ter uma função adaptativa de criação de um sentimento de confiança com a vida e de um fortalecer de relações com o mundo. Quando se tem uma reacção negativista ao prazer, pode ser considerado um alerta do ponto de vista psicológico, e revelar um desenvolvimento psicológico desajustado ou mesmo uma evolução psicopatológica.

Quanto às características e constituição da prova, esta retrata histórias de uma mesma personagem (menino ou menina, consoante o sexo da criança), em episódios comuns na vida infantil, que se encontram em formato de banda desenhada. Sendo pedido à criança que crie e complete as histórias. Nesta são apresentados uns aspectos presentes na entrevista lúdica, que são: a implicação mútua, ou seja, a partilha a dois (psicólogo e criança), e a representação do «agora tu-agora eu» (Leal, 1985). Além disso, recorre à utilização combinada de estímulos visuais que são descritos pelo psicólogo e respostas que implicam, em primeiro lugar o recurso a tarefas visuais e motoras e em segundo à descrição verbal.

A prova é constituída por nove cartões, sendo um cartão de exemplificação e treino para o procedimento, sete cartões estímulo (numerados de I a VII) e um cartão de finalização (formato reduzido, com indicação de FIM). Cada cartão tem associado a ele nove cenas, das quais a criança escolhe três e coloca em sequência, e a partir dos quais conta a história por ela organizada.

Seguidamente, resume-se as histórias de cada cartão e mais à frente, em outra secção do trabalho (Método), ir-se-à explicar mais detalhadamente.

Assim sendo, o Cartão de Exemplificação (Cartão E), consiste numa situação de brincadeira de carnaval, onde as respostas não são alvo de análise, e como o nome indica, serve apenas para exemplificar.

Relativamente aos sete cartões estímulo, cinco destes estão direccionados para situações ansiogénicas (I, II, IV, VI, VII) e dois para situações agradáveis (III, V). O Cartão I retrata uma situação em que a personagem, ao passear com a mãe fica perdida. Realçando o modo como as crianças se confrontam com a ansiedade de separação e perda, que está presente desde o início da vida, e é o paradigma de todos os estados afectivos dolorosos. O Cartão II, remete para a temática da doença, onde a personagem está doente e necessita de cuidados médicos. A este, estão associadas ansiedades relacionadas com o medo do sofrimento físico, de perda da integridade física ou da vida, a culpabilidade inconsciente ou ideia de doença. Em relação ao Cartão IV, a história associada refere-se à personagem a acordar de um pesadelo, sendo uma forma de perceber como cada criança enfrenta a ansiedade do medo do escuro, dos pesadelos, dos terrores nocturnos colocados no sonho, e a distinção que faz entre a fantasia e a realidade. Esta é uma experiência ansiogénica comum no desenvolvimento infantil. No Cartão VI, a personagem presencia um conflito entre os pais. Este cartão tem o objectivo de relevar características da reacção emocional da criança face ao casal, ou seja, como se situa no conflito entre o desejo e o medo da sua separação, onde a criança pode optar pela proximidade a um deles ou pela autonomia, gerando uma distância em relação ao conflito. O Cartão VII, retrata a dificuldade de aprendizagem no contexto de sala de aula. Esta situação poderá ser vivida como um ataque, mais ou menos, intenso à auto-estima da criança, e revela os seus mecanismos defensivos e adaptativos.

Em relação aos cartões associados a situações prazerosas, temos o Cartão III, que retrata um passeio da personagem à praia com os pais. Este remete para um acontecimento agradável, estando patente a expectativa de poder brincar com os pais e de convívio com os pares. Permite então perceber como as crianças vivem internamente as experiências ligadas a esse convívio, fantasiado como prazeroso, desejável mas temido, ou por vezes, ameaçador, se o medo da rejeição superar a esperança na aceitação pelos pares e a expectativa de com eles poder brincar. O Cartão V, destaca o dia de aniversário da personagem.

De acordo com Melanie Klein, o aniversário simboliza uma possibilidade de renovação e recomeço, em que, os presentes e a atenção, quando recebidos, simbolizam uma compensação para as dádivas de amor que desejam e não obtêm. Por sua vez, quando não são recebidos, poderá significar um castigo pelos seus impulsos agressivos, em que quando muito intensa, pode conduzir a uma supressão total dos desejos. Para finalizar a apresentação da prova criaram um cartão de Finalização (Cartão FIM), que consiste no retrato da personagem. Este tem o objectivo de facilitar a transição da criança entre a situação de prova, e o restabelecimento do contacto com a realidade externa. É pedido que dê um nome à personagem, e que invente ela mesma uma história para essa personagem. Esta história dá a possibilidade à criança de falar sobre aspectos da sua vida pessoal, de um modo menos directo.

Após a descrição dos respectivos cartões, é essencial também falar da forma como estes se organizam, isto é, estes sete cartões apresentam cada um dez cenas para dar continuidade à história. Destas, nove estão divididas e agrupadas em três categorias, ou seja, três são cenas de Aflição, isto é, emoções dolorosas e de perigo, havendo uma graduação de intensidade (aflição a muita aflição), outras três são cenas onde a criança encontra na fantasia uma forma de aliviar a tensão provocada pelos aspectos críticos do cartão, podendo esta ser uma fantasia onipotente ou de realização impossível ou uma fantasia boa, de acontecimentos bons e viáveis, são chamadas de cenas de Fantasia. As restantes três são cenas de Realidade, que consistem numa estratégia de acção para resolver a situação crítica ou reconhecimento e aceitação da realidade dolorosa ou prazerosa. A décima cena, surge com o objectivo de dar uma resolução factual e objectiva à situação crítica apresentada, ou seja, procura dar uma solução final de forma estandardizada para todas as crianças, de modo a que a reacção interna face ao estímulo seguinte, não seja contaminada com o final “feliz” ou “infeliz” que a criança deu à história.

Relativamente à interpretação das respostas dadas pelas crianças, existem duas dimensões que são fundamentais na mesma. A primeira é as estratégias de elaboração emocional que se traduzem na categoria de cenas que escolhem e sua posição/sequência. Isto permite revelar movimentações características na elaboração dos fenómenos emocionais despertados. Outra dimensão é as características do esquema relacional da criança, que se vai projectar nas relações entre a personagem e os outros (figura de pares ou adultos) e representar com a organização, a sequência das cenas,

mais a descrição verbal. Com esta dimensão, procura-se avaliar a forma como o ego se confronta com as emoções.

Mas existem outros pontos que merecem atenção, isto é, um outro aspecto relevante desta prova é o significado da colocação de cada cena. A primeira cena representa o primeiro impacto da criança com situação apresentada no cartão, e que lhe faz despertar determinada emoção, a segunda cena encontra-se ligada à primeira cena e vai atenciar a terceira, representando a forma como está a tentar elaborar a situação que lhe é apresentada no cartão. Por fim, a terceira cena constitui o desfecho e retrata a forma como a criança resolve a situação apresentada no cartão. (Fagulha, 1997, p.10)

Na interpretação das respostas dadas pelas crianças, existem determinados critérios que são essenciais para a mesma se poder realizar. O primeiro critério, refere-se às normas que existem, e que permitem com que se estabeleça uma ligação entre as respostas individuais e o padrão mais comum para aquela respectiva idade. Outro critério refere-se à análise de conteúdo, composta por 60 itens, e onde ocorre a interpretação das histórias que a criança verbalizou, em conjunto com as cenas que escolheu. Estes itens estão formulados de modo descritivo e a sua análise salienta a forma como a criança vive internamente as relações que estabelece ao longo da sua vida (com os pares, adultos). Nesta análise são avaliados os conteúdos formais, e os significados expressos (ciúme, inveja, medo, tentativa de reparação e culpabilidade). Posteriormente, num terceiro critério, junta-se toda a informação obtida, e faz-se um síntese integrativa da mesma, para determinar o seu significado na história pessoal da criança.

Esta prova distingue-se da maior parte das outras, pelo facto de possuir determinadas vantagens e potencialidades. É considerada uma prova de aplicação fácil, e tem uma boa aceitação por parte das crianças (em particular as mais inibidas). Outro aspecto é ter uma apresentação desenhada das histórias em conjunto com a sua descrição, e também a apresentação de várias cenas que podem dar continuidade à história. É a criança, que após lhe ser pedido que o faça, escolhe três cenas e as coloca em sequência. Um outro parâmetro é o facto de a construção da história não assentar exclusivamente na verbalização. Estes parâmetros fazem com que haja nesta prova também uma participação mais activa do psicólogo, isto é, ele apresenta e descreve a história à criança, solicitando-lhe em seguida que complete a mesma com a sequência de cenas que organizou, existindo então um diálogo, onde é possível a promoção do

espaço relacional, e logo a comunicação e a partilha de experiências de carácter emocional.

Após, a descrição da prova, foca-se uma vez mais, o objectivo deste estudo que será estudar a elaboração das emoções em crianças de dois níveis de escolaridade distintos assim como as diferenças entre géneros (masculino/feminino) através da prova projectiva “Era uma vez...”.

## Método

### 1. Participantes

A amostra foi constituída por 29 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos, que se encontram a frequentar o 1º ciclo do ensino primário, num estabelecimento de ensino do distrito de Setúbal. Destas, 15 são do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Esta amostra foi obtida por conveniência, nomeadamente em relação à localização da escola e à acessibilidade dos participantes que a compõem.

### 2. Instrumentos

No estudo foi utilizado um instrumento que permitisse avaliar a forma como as crianças elaboravam as emoções. Em seguida, expõem-se mais detalhadamente o referido instrumento:

- O teste “*Era uma vez*” (Fagulha, 1997), consiste numa nova técnica projectiva para crianças que permite observar a forma como estas lidam com as emoções, como a ansiedade e o prazer. A elaboração destas emoções indiciam aspectos pertinentes da organização mental (Leal, 1985/1975) e possuem uma função adaptativa no desenvolvimento psicológico (Klein, G. 1972). Esta prova remete para o mundo das histórias muito presente entre as crianças e a área transaccional da experiência, que retrata o espaço entre a fantasia e a realidade e onde se formam as experiências emocionais (Winnicott, 1971/75). Sendo um teste que utiliza como paradigma a actividade lúdica como uma forma simplificada de aceder e perceber esse campo intrínseco nas crianças, que são as emoções.

Relativamente às suas características e formas de aplicação, estas inserem-se no quadro das teorias psicodinâmicas de funcionamento psicológico.

A sua aplicação abrange crianças com idades entre os 5 e os 12 anos e tem uma duração que varia entre os 20 e os 30 minutos. Quanto à sua forma de apresentação, esta foi construída como “banda desenhada”, que é considerada uma narrativa que agrada a crianças de idades diferentes. O seu objectivo visa o completamento de histórias que representam episódios comuns na vida infantil, e que remetem para uma determinada

personagem infantil, menino (versão masculina) ou menina (versão feminina), cujo procedimento assenta essencialmente em critérios como o manipular e escolher. Deste modo, nesta prova existe a utilização de estímulos visuais (cartões apresentados) e de respostas que são realizadas num primeiro momento, de forma visual e motora, devido à selecção das cenas e num segundo momento, uma forma verbal, com a descrição das cenas escolhidas.

No que se refere à sua composição, esta possui nove cartões: 1 cartão para exemplificação, 7 cartões – estímulo (numerados de I a VII), todos em formato A4, e 1 cartão em formato reduzido para finalizar a prova (indicação de FIM).

O Cartão E (cartão de exemplificação), consiste numa situação de brincadeira de Carnaval, cujas respostas não são alvo de análise, tratando-se apenas de um exemplo do trabalho que vai ser pedido à criança, ou seja, este serve apenas para demonstrar à criança a tarefa que se vai realizar e como deve proceder

Relativamente aos 7 cartões - estímulo, estes realçam situações comuns na vida de qualquer criança, sendo cinco deles referentes a situações ansiogénicas:

1. Cartão I- Separação e Abandono: uma criança que passeia com a mãe e que fica perdida. O medo do abandono/perda, e/ou a certeza da consistência da presença da mãe, enquanto figura interna sólida e securizante, darão contornos específicos à forma com a criança lida com esta situação exposta (Fagulha, 1997/1994). As respostas das crianças a esta situação, permite determinar a forma como se confrontam com a ansiedade de separação, que está presente desde o início da vida e ao longo de toda a existência, e que são o paradigma de todos os estados afectivos dolorosos.
2. Cartão II- Doença e Morte: situação de doença, onde a criança precisa de cuidados. Quando se fica doente, a pessoa torna-se mais frágil e surge o medo do sofrimento físico, da perda da integridade física ou da vida. Além disto, também se associam o medo da separação, por exemplo da família em caso de internamento e a experiência de receber mais cuidados e atenção. (Fagulha, 1997/1994).

3. Cartão IV- Terrores nocturnos e Pesadelos: situação onde a criança acorda ao meio da noite com um pesadelo. Esta é outra experiência ansiogénica comum no desenvolvimento infantil, o medo do escuro e os pesadelos. Permite perceber, de acordo com a intensidade da ansiedade, o grau de separação da fantasia da realidade. (Fagulha, 1997/1994).
  
4. Cartão VI- Conflito entre os pais: episódio de uma discussão entre os pais na presença da criança. Esta é a temática do conflito entre pais, que desperta na criança uma reacção emocional ansiogénica, resultante do contraste entre o medo e o desejo de separação dos pais. Como reacção a criança pode optar pela proximidade a uma das figuras parentais ou pela autonomia, tentando criar uma distância face ao conflito vigente. (Fagulha, 1997).
  
5. Cartão VII- Dificuldades escolares: situação onde a criança não sabe responder a uma questão feita pelo professor. O tema remete para as dificuldades de aprendizagem de uma criança numa sala de aula, podendo consistir num ataque à auto-estima, conduzindo ao despertar de um sentimento de insegurança em relação à sua imagem pessoal, perante o grupo de iguais. (Fagulha, 1997).

E dois remetem para situações agradáveis, que se relacionam com o prazer:

1. Cartão III- Situações de partilha: episódio de um passeio à praia com os pais e o que se propõe é a expectativa de convívio com os pares. As respostas permitem perceber como é que internamente as crianças vivem essas experiências de relação com os outros, isto é, se são fantasiadas como experiências agradáveis e desejadas, ou experiências temidas e por vezes ameaçadoras, se a esperança e expectativa de se poder relacionar com os outros pares, for inferior ao medo de rejeição. (Fagulha, 1997).

2. Cartão V- Situações de convívio com os outros: episódio de uma festa de aniversário. Considerado como um dia de renovação e recomeço, onde a recepção de presentes simbolizam uma compensação e a ausência destes poderá significar para a criança um castigo. (Fagulha, 1997)

Existe ainda um cartão de finalização da prova, que consiste num retrato da personagem e que é mostrado à criança quando a prova termina, sendo pedido à mesma que atribua um nome a essa personagem, e que invente, uma história para essa figura. Isto serve para fazer com que a criança fale de aspectos mais pessoais da sua vida pessoal, de forma indirecta, sendo possível com a história contada perceber a temática e a problemática que mais a afecta, bem como a forma como a expressa e elabora. Além disto, permite ainda que haja uma transição da situação de prova e o restabelecimento do contacto com o mundo real.

Perante a descrição dos cartões, é de importância realçar a existência de três categorias que correspondem a nove cenas para cada cartão (Fagulha, 1997) e que assentam na conceptualização de Winnicott sobre o «espaço transaccional», área entre a fantasia e a realidade, onde se torna possível que as experiências emocionais sejam elaboradas de uma maneira criativa (Winnicott, 1971)

- Três cenas de aflição (cenas 2, 4, 9): que remetem graficamente para contextos de emoções dolorosas ou de perigo, isto é, emoções associadas à ansiedade. Estas cenas são de diferentes graus de intensidade, que se subdividem em *Aflição* e *Muita Aflição*, consoante as características da cena.
- Três cenas de fantasia (cenas 3, 5, 7): que abrangem graficamente, a fantasia como uma das formas de aliviar a tensão. Existem as *Fantasia Viáveis ou Fantasia Boas* (situações que podem acontecer na vida da criança) e *Fantasia Mágicas* (recorrência à onipotência, a um mundo único da criança, a uma realização impossível).
- Três cenas de realidade (cenas 1, 6, 8): que correspondem algumas a uma estratégia de resolução da situação crítica, e outras à aceitação da realidade, dolorosa ou agradável.

Existe, ainda uma décima cena, que representa uma solução factual e objectiva do episódio patente no cartão, sendo apresentada pelo psicólogo, após a criança terminar a descrição verbal da história. Esta tem como objectivo, proporcionar uma resolução de cada história de forma igual para todos, isto é, independentemente do final «feliz» ou «infeliz» escolhido pela criança, para que assim ocorra uma fácil resolução e elaboração da temática.

Esta organização da prova tem dois objectivos essenciais e interligados entre si. Estes são a avaliação psicológica, que permite entender e descrever as características da forma como a criança elabora as emoções como a ansiedade e o prazer e o objectivo terapêutico, que consiste em dar à criança a vivência dessa elaboração num contexto terapêutico.

Na finalização da prova, após as crianças escolherem e organizarem em sequência as cenas que vão dar continuidade à história (das nove cenas existentes para cada cartão, a criança apenas selecciona três), tornam-se perceptíveis os recursos que utilizam para fazer face às emoções ou a um determinado afecto que faz vivenciar os estados de ansiedade.

Esta sequência (1º, 2º ou 3º posição) permite ainda identificar a regularidade de determinadas formas de funcionamento, existindo para isso uma “Folha de Registos das Respostas”, e posteriormente a transcrição para uma “Grelha de Análise das Respostas”, composta por 87 itens. Assim, salvaguardasse os resultados e facilitasse a leitura das cenas escolhidas pela criança, nomeadamente a que categoria pertencem (Aflição, Fantasia, Realidade) e a construção de uma sequência para determinar a estratégia de resolução da situação escolhida pela criança. Fagulha (1997), realça que a primeira cena escolhida pela criança representa o modo imediato de confrontação com a situação, despertando uma determinada emoção de ansiedade ou prazer. A segunda cena está ligada à primeira e vai antecipar a terceira que determina o desfecho e permite perceber a forma como a criança resolve a situação que lhe é apresentada.

Após se obter as respostas e do seu registo, existe a possibilidade do padrão de respostas escolhidas ser comparado com o padrão de respostas correspondente à faixa etária da criança, através de um quadro existente no Manual da Prova (Fagulha (1997),

p.36 e 37). Segue-se assim a fase de interpretação dos resultados, onde é essencial ter em consideração duas dimensões, que são as estratégias de elaboração emocional e as características do esquema relacional da criança. A primeira dimensão remete para as categorias das cenas escolhidas pela criança e a sequência da colocação das cenas. Já a segunda dimensão realça as características das relações que a criança projecta nas cenas que escolhe e verbaliza, entre a personagem e os outros, como os pais e os grupos de pares.

Para terminar, ficam cientes as vantagens e potencialidades desta prova. O “Era uma vez...” é considerado de teste aplicação fácil e com uma boa adesão por parte das crianças. Além de que, devido ao conteúdo das respostas não ser unicamente verbal, permite ainda uma aplicação em crianças com dificuldades verbais.

### **3. Procedimentos**

Inicialmente foi contactada a direcção da escola, de modo a se obter a autorização para realizar o estudo. Após concedida a mesma, contactou-se o Agrupamento de Escolas de modo a obter a autorização final e oficial.

Posteriormente, procedeu-se ao envio, através do director de turma, das cartas de consentimento informado para os pais.

Aguardou-se a recepção das cartas de consentimento informado

Seguidamente, e de acordo com as autorizações obtidas, foi se planeando os melhores dias, de acordo com o funcionamento da escola e o planeamento dos professores.

Numa sala à parte, foi-se chamando cada aluno individualmente para se proceder à aplicação do teste projectivo “Era uma vez...”. Antes de iniciar cada aplicação teve-se a precaução de se seleccionar o material a utilizar (versão masculina ou feminina), de verificar se estava na sequência correcta, bem como, se havia a “Folha de Registo das respostas” e um cronómetro.

Seguidamente, e já com a criança sentada do nosso lado e frente a uma mesa, primeiro tentou-se estabelecer uma relação adequada e depois explicou-se como se realizava a prova e o que tinham de fazer, utilizando uma linguagem clara e de adequada às idades das mesmas.

Após se perceber que haviam compreendido o procedimento com o exemplo dado com o cartão E (exemplificação), procedeu-se à aplicação da mesma, cumprindo todas as normas subjacentes na manual de aplicação.

1. “O psicólogo coloca o cartão em frente da criança e descreve cada uma das três cenas nele desenhadas, de acordo com as instruções adiante indicadas;
2. O psicólogo dispõe à direita da criança as nove cenas correspondentes ao cartão (mantendo a cena 10 fora do seu campo de visão) e pede-lhe que escolha três para continuar a história. Regista o tempo de latência (desde o momento em que acabou de dispor as nove cenas até aquele em que a criança coloca, na posição indicada, a primeira cena que escolheu. Anota na “Folha de Registo das Respostas” o número correspondente a cada uma das três cenas que a criança escolheu e colocou em cada uma das três posições da sequência. Regista igualmente qualquer troca de cenas, ou alteração da sua colocação a que a criança proceda, indicando sempre claramente a sequência final. Anota ainda todos os comentários e perguntas que a criança faça, assim como quaisquer características do seu comportamento que pareçam significativas.
3. O psicólogo retira então as seis cenas restantes.
4. O psicólogo repete a descrição do cartão e indica à criança que continue a história. Regista a narrativa da criança, bem como todos os comentários, perguntas, hesitações, e todos os tipos de comportamentos significativos.
5. Quando a criança tiver terminado a história, o psicólogo coloca a cena 10, a seguir às três que a criança colocou, e descreve-a, de acordo com as instruções.
6. Terminada a apresentação dos oito cartões, o psicólogo retira todo o material e apresenta à criança o cartão FIM (retrato do/a menino/a), e pede-lhe que lhe dê um nome à personagem da história. Pergunta-lhe ainda qual a história de que gostou mais, e qual a história de que gostou menos e dá-lhe oportunidade para falar livremente sobre a situação. Propõe então à criança que invente uma outra história que tivesse acontecido à personagem.
7. Na última página da “Folha de Registo das Respostas” o psicólogo anota o comportamento da criança durante a prova, bem como qualquer observação que pareça relevante.” (Fagulha, 2002)

Posteriormente, agradeceu-se à criança pela sua participação e perguntou-se se tinha alguma dúvida.

## Análise dos Resultados

### 1. Análise das frequências e percentagens das escolhas feitas pelas crianças, das três categorias de cenas existentes (Aflição, Fantasia, Realidade) em cada uma das três posições de sequência.

Nos Quadro 1, (exposto em baixo) apresentam-se o total das frequências e percentagens das escolhas feitas pelas crianças (N=29), das três categorias de cenas existentes (Aflição, Fantasia, Realidade) em cada uma das três posições de sequência (1ª, 2ª e 3ª). A análise dessas respostas, permite estudar as características da reacção emocional das crianças face à temática apresentada em cada um dos cartões, bem como, a qualidade da emoção despertada (ansiosa ou prazerosa).

Cartão Cena/Posição	I		II		III		IV		V		VI		VII	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª Posição Aflição	16	55.17	10	34.48	7	24.14	21	72.41	0	0	12	41.38	10	34.48
1ª Posição Fantasia	2	6.90	3	10.34	4	13.79	2	6.90	14	48.28	5	17.24	2	6.90
1ª Posição Realidade	11	37.93	16	55.17	18	62.07	6	20.69	15	51.72	12	41.38	17	58.62
2ª Posição Aflição	14	48.28	9	31.03	7	24.14	16	55.17	10	34.48	11	37.93	11	37.93
2ª Posição Fantasia	8	27.59	9	31.03	8	27.59	8	27.59	8	27.59	7	24.14	2	6.90
2ª Posição Realidade	7	24.14	11	37.93	14	48.28	5	17.24	11	37.93	11	37.93	16	55.17
3ª Posição Aflição	4	13.79	9	31.03	4	13.79	6	20.69	8	27.59	15	51.72	5	17.24
3ª Posição Fantasia	6	20.69	16	55.17	14	48.28	11	37.93	10	34.48	9	31.03	7	24.14
3ª Posição Realidade	19	65.52	4	13.79	11	37.93	12	41.38	11	37.93	5	17.24	17	58.62

Quadro 1: Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para a totalidade da amostra

Perante uma análise qualitativa, percebe-se que nos cartões que representam emoções de carácter ansiogénico (I,II, IV,VI,VII), na 1ª posição existem umas percentagens mais elevadas na escolha das cenas da categoria de Aflição. Em relação aos cartões que estão relacionados com emoções de carácter prazeroso (III, V), na 1ª posição apresentam umas percentagens mais elevadas na escolha de cenas pertencentes à categoria de Realidade. Na 2ª posição, mantendo a separação dos cartões feita na análise da 1ª posição, verifica-se que nos cartões que apresentam situações geradoras de emoções ansiogénicas, existem umas percentagens mais elevadas nas escolhas de cenas da categoria de Aflição, em relação aos cartões que estão ligados a emoções de carácter prazeroso, cuja percentagens mais elevadas se revelam na escolha de cenas pertencentes

à categoria de Realidade. Relativamente, à 3ª posição constata-se que existe umas percentagens mais elevadas nas escolhas de cenas referentes à categoria de Realidade, isto em relação aos cartões associados a emoções ansiogénicas. Nos relacionados com emoções de carácter prazeroso, verifica-se a existência de umas percentagens mais elevadas na escolha de cenas relacionadas com a categoria de Fantasia, em relação ao cartão III e de Realidade no cartão V.

Procedendo-se à análise de cada cartão de modo individual, constata-se que no Cartão I (personagem num passeio com a mãe em que se perde e fica sozinha), existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Aflição, colocadas maioritariamente na 1ª e 2ª posição da sequência. Verifica-se assim que inicialmente existe um confronto com a situação ansiogénica que conduz inicialmente a uma emoção aflitiva, mas que termina, com maior percentagem (3ª posição-65,52%) na procura de uma resolução realista. No Cartão II (personagem doente, necessitando de cuidados médicos), apesar de se tratar de um cartão associado a uma situação ansiogénica, existe uma maior percentagem de escolha das cenas de realidade, colocadas predominantemente na 1ª e 2ª posição. Assim, o que nos é indicado, é que embora exista também recurso a cenas de aflição (34.48%) e fantasia (10.34%) na 1ª posição e na 2ª posição (31.03% em ambos), a selecção de cenas realistas é superior. Deste modo, existe um confronto realista da situação apresentada, e posteriormente existe uma tentativa fantasista (55.17%) de resolução da mesma, talvez pelo facto de ser uma situação em que o controle pessoal seja difícil, se não mesmo impossível.

Relativamente ao Cartão III (personagem num passeio à praia com os pais), tratando-se de uma situação cujo tema é prazeroso, verifica-se que existe uma tendência à escolha de cenas de realidade e fantasia. Inicialmente, na 1ª e 2ª posição, existe uma maior percentagem de escolha de cenas de realidade (62.07% e 48.28%, respectivamente), e na 3ª posição surgem as cenas de Fantasia com 48.28% de escolha, ou seja, as crianças consideram a situação, como evocadora de uma realidade agradável ou de uma fantasia. Contudo, à que ter em consideração, que na 1ª posição existe algumas das crianças da amostra em estudo que consideravam a situação como despertadora de uma cena aflitiva, isto é, a ideia de uma passeio à praia com os pais, e a possibilidade de convívio com os mesmos e com os pares é associada a sentimentos de ansiedade que conduzem à aflição. Na 3ª posição, a percentagem de escolha de cenas de fantasia (48.48%), está relativamente aproximada com a percentagem de escolha de

cenar de realidade (37.93%), o que indica que para algumas das crianças da amostra a situação é encarada como realista, despertadora de uma realidade que pode ser agradável, uma vez que se trata de um cartão associado a um tema prazeroso.

Na análise do Cartão IV (personagem acorda com um pesadelo), verifica-se o predomínio das cenas de aflição, maioritariamente na 1ª e 2ª posição, 72,41% e 55,17%, respectivamente. Deste modo, tratando-se de um cartão cuja temática está relacionada com a ansiedade, constata-se que, mesmo que o primeiro confronto da criança corresponda às cenas de aflição (1ª e 2ª posição), existe uma tentativa de resolução realista da situação, sendo a que apresenta uma maior percentagem de escolhas na 3ª posição (41,38%). Embora ainda exista, com uma percentagem perto das escolhas de cenas da realidade, algumas crianças da amostra, que procuram resolver a situação recorrendo à fantasia (37,93%), acreditando na ilusão para resolver os seus medos e ansiedades. No Cartão V (dia de anos da personagem), que está associado a um acontecimento prazeroso, verifica-se a escolha maioritária das cenas de realidade, embora a percentagem de escolha de cenas de fantasia esteja relativamente perto da percentagem de cenas de realidade. Na 1ª posição, observa-se uma maior escolha de cenas de realidade (51,72%), seguida de uma escolha de 48,28% de cenas pertencentes à categoria de Fantasia. Como seria de esperar, uma vez que é um cartão com um tema prazeroso, não existe escolha de cenas de aflição, pelo menos nesta posição. Na 2ª posição, também as cenas de realidade, apresentam uma maior percentagem de escolha (37,93), embora que a percentagem de crianças que optaram por cenas de Aflição (34,48%), também esteja relativamente próximo das cenas de realidade. Isto indica, que este cartão pode também despoletar sentimentos de ansiedade associados à aflição, talvez pelo facto de este dia despertar em algumas crianças algum acontecimento pouco agradável. Na 3ª posição, são as cenas de realidade que têm novamente uma maior percentagem de escolha (37,93%). Contudo, as cenas de fantasia, têm uma percentagem relativamente próxima (34,48%) das cenas de realidade, o que revela, que para algumas das crianças da amostra, estão associados momentos de fantasia.

Em relação ao Cartão VI (personagem assiste a uma briga dos pais), constata-se que as cenas de Aflição possuem uma maior percentagem em relação às outras categorias. As cenas de Realidade nas duas primeiras posições, apresentam valores iguais às cenas de Aflição, ou seja, existem crianças da amostra que consideram esta situação, que está associada a sentimentos ansiogénicos, como evocadoras de aflição e

outra parte da amostra já encara mais a situação de um modo realista, ou seja, recorre a acontecimentos da realidade. Na 3ª posição, metade da amostra (51.72%) escolhe cenas de aflição, mas 31.03% da amostra recorre à fantasia, como método de resolução da situação ansiogénica, pouco agradável.

Na análise do cartão VII (personagem em contexto de sala de aula), que está associada uma situação geradora de ansiedade, pois a personagem encontra-se perante uma situação de incapacidade em contexto de sala de aula, verifica-se que existe uma maior escolha de cenas de Realidade nas três posições, ou seja, um pouco mais de metade das crianças da amostra optam por uma solução realista da temática apresentada. As cenas de Aflição também possuem uns valores significativos, sobretudo na 1ª e 2ª posição, em detrimento das cenas de Fantasia que apresentam valores mais baixos, com excepção da 3ª posição que consegue ter uma percentagem mais alta que a escolha de cenas de Aflição. Isto pode revelar, que mais de metade das crianças optam por arranjar uma solução realista da situação, mas uma outra parte, confronta-se com os sentimentos de ansiedade que conduzem à escolha de situações mais aflitivas, e embora com uma percentagem mais baixa, algumas procuram uma resolução fantasista da situação.

**a) Diferença em dois grupos de escolaridade através da análise das frequências e percentagens de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências**

Sendo que, um dos objectivos deste estudo é a percepção da diferença que existe na elaboração das emoções em dois grupos de escolaridade distintos, torna-se pertinente a análise de cada um dos grupos de forma individual, para uma posterior comparação.

Deste modo, começando pelo grupo do 1º ano, no Quadro 2, exposto em baixo, apresentam-se o total das frequências e percentagens, das escolhas feitas pelas crianças (N=15) das três categorias de cenas existentes (Aflição, Fantasia, Realidade) em cada uma das três posições de sequência (1ª, 2ª e 3ª).

Cartão Cena/Posição	I		II		III		IV		V		VI		VII	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª Posição Aflição	8	53.33	2	13.33	3	20	11	73.33	0	0	5	33.33	4	26.67
1ª Posição Fantasia	1	6.66	3	20	2	13.33	1	6.66	11	73.33	3	20	1	6.66
1ª Posição Realidade	6	40	10	66.67	10	66.67	3	20	4	26.67	7	46.67	10	66.67
2ª Posição Aflição	6	40	6	40	4	26.67	9	60	4	26.67	6	40	7	46.67
2ª Posição Fantasia	5	33.33	4	26.67	4	26.67	4	26.67	2	13.33	2	13.33	2	13.33
2ª Posição Realidade	4	26.67	5	33.33	7	46.67	2	13.33	9	60	7	46.67	6	40
3ª Posição Aflição	3	20	5	33.33	2	13.33	5	33.33	4	26.67	5	33.33	2	13.33
3ª Posição Fantasia	2	13.33	6	40	11	73.33	4	26.67	3	20	7	46.67	4	26.67
3ª Posição Realidade	10	66.67	4	26.67	2	13.33	6	40	8	53.33	3	20	9	60

Quadro 2: Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o 1º ano

Efectuando primeiramente uma análise mais generalista dos quadros apresentados, percebe-se que nos cartões que se encontram associados a emoções de carácter ansiogénico (I, II, IV, VI, VII), na 1ª posição existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Realidade. Este resultado vai contrariar um pouco, o que se prevê de acordo com o tipo de emoções associadas, ou seja, estando ligado as emoções ansiogénicas seria mais previsível uma maior percentagem de escolha de cenas de Aflição. Já nos cartões relacionados com emoções de carácter prazeroso (III, V), constata-se que são as cenas de fantasia no cartão V, que conseguem ter uma percentagem mais elevada de escolhas (73,33%). E no cartão III, a percentagem de escolhas de cenas de realidade é a maior (66.67%). Em relação à 2ª posição, constata-se que nos cartões de carácter ansiogénico (I, II, IV, VI, VII), ao contrário do que se sucedeu na 1ª posição, são as cenas de Aflição que apresentam uma maior percentagem de escolhas. Nos cartões que se encontram associados a emoções de carácter prazeroso (III, V), são as cenas de Realidade que têm uma maior percentagem de escolhas. Por último, na 3ª posição, mantendo a separação dos cartões feitas nas posições anteriores, percebe-se que nos cartões propensos a emoções ansiogénicas, são as cenas de Realidade que apresentam percentagens de escolha mais elevadas. O que no mostra, que existe uma maior procura de uma solução realista para a situação ansiogénica apresentada, embora também haja recurso à fantasia e à aflição, mas com valores mais baixos. Já nos cartões cuja temática, está mais direccionada com as emoções de carácter

prazeroso, são as cenas de Fantasia e Realidade que têm as percentagens mais elevadas, com 73.33% e 53.33%, respectivamente.

Tendo em consideração, cada cartão de forma individual, é visível que no Cartão I (personagem num passeio com a mãe em que se perde e fica sozinha), existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Aflição, sobretudo na 1ª e 2ª posição, 53.33% e 40%, respectivamente. Na 3ª posição existe uma maior percentagem de escolhas de cenas de Realidade (66,67%). Tratando-se de um cartão com uma história com um nível de emoção ansiogénico, verifica-se que ao lhe ser contada a história, 53.33% das crianças, de imediato recorrem à escolha de cenas de Aflição, mantendo essa escolha na 2ª posição, com 40% de escolha da categoria Aflição. Posteriormente, como tentativa de resolução da história apresentada, existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Realidade, isto é, existe a procura de uma solução realista da situação.

No Cartão II (personagem doente, necessitando de cuidados médicos), verifica-se que embora haja associada uma vertente ansiogénica, existe uma maior tendência (1ª posição: 66,67%) a recorrer a cenas de Realidade, ou seja, o primeiro impacto é tentar resolver a situação de um modo realista. Posteriormente, as escolhas estão um pouco mais dispersas, embora na 2ª posição a percentagem de escolha de cenas de Aflição seja um pouco mais superior (40%), ou seja, depois de um confronto mais realista, algumas das crianças tendem a se afligir perante a situação exposta. Já na 3ª posição ocorre a tentativa de uma resolução Fantasiada (40%), a procura do mágico, do inatigível, embora a escolha da categoria de Aflição e Realidade também apareçam com percentagens muito próximas, 33.33% e 26,67%, respectivamente.

Em relação ao Cartão III (personagem num passeio à praia com os pais), que está associado às emoções de carácter prazeroso, verifica-se que inicialmente existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Realidade, na 1ª e 2ª posição com 66,67% e 46,67%, respectivamente. Deste modo, algumas das crianças da amostra confrontam-se com a situação de um passeio com os pais e a possibilidade de convívio com os pais, como uma realidade agradável. Posteriormente, ocorre a tentativa de uma resolução fantasiada da situação na 3ª posição, onde as cenas de Fantasia surgem com 73.33% de escolhas.

Relativamente ao Cartão IV (personagem acorda com um pesadelo), estando associado a emoções de carácter ansiogénico, existe maioritariamente uma escolha de

cenar de Aflição nas duas primeiras posições, com uma percentagem de 73.33% na 1ª posição e 60% na 2ª posição. Já em relação à 3ª posição, embora as percentagens estejam mais distribuídas pelas três categorias, são as cenas de Realidade que prevalecem com 40% de escolhas. Assim, inicialmente e tratando-se de um cartão cuja temática causa ansiedade, de facto existe uma primeira reacção aflitiva ao tema apresentado e depois a procura de uma resolução realista dessa mesma situação, embora também algumas das crianças não consigam superar a ansiedade causada e optam por cenas de Aflição (33.33%) e outras procurem uma resolução fantasista (26.67%).

Na análise do Cartão V (dia de anos da personagem), verifica-se que na 1ª posição, existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Fantasia, com 73.33%. Tratando-se de um cartão associado a uma temática prazerosa, no dia de aniversário da personagem, em que para algumas crianças é considerado como um dia mágico, de festa, e de possibilidade de convívio com os amigos e entes queridos, o primeiro confronto é o recurso à fantasia, tal como seria esperado. Na 2ª e 3ª posição já predominam as cenas de realidade com 60% e 53.33%, respectivamente. Embora este cartão, como já foi referido, esteja associado a uma situação agradável, o que se observa é que também existem algumas crianças que seleccionam cenas de Aflição (2ª e 3ª posição), ou seja, nem sempre este acontecimento é visto como algo agradável e gerador de alegria, mas também pode ser considerado como causador de ansiedade e aflição, embora em menor escala.

No Cartão VI (personagem assiste a uma briga dos pais), constata-se que sendo um cartão associado a emoções ansiogénicas, na 1ª e 2ª posição, as percentagens de escolha das cenas de Aflição e Realidade, estão relativamente próximas, embora as de Realidade sejam as que prevaleçam um pouco mais. Assim, as crianças ao serem encaradas com esta situação que acontece à personagem, reagem no sentido de tentar arranjar uma solução realista, nas duas primeiras posições, com 46.67% em ambas. Contudo, as cenas de Aflição que possuem uma escolha de 33.33% na 1ª posição e 40% na 2ª posição, também indicam que algumas das crianças da amostra reagem ansiogénicamente à situação e escolhem cenas portadoras de Aflição como continuação do acontecimento apresentado. Na última posição, ou seja, na 3ª posição, são as cenas de Fantasia que têm uma maior percentagem de escolha com 46.67%, numa tentativa de uma resolução fantasista da situação. Embora as cenas de Aflição, nesta posição, tenham uma

percentagem de 33.33% de escolha, fortalecendo o carácter ansiogénico da situação exposta.

Por último, efectuando a análise do Cartão VII (personagem em contexto de sala de aula), cuja situação está ligada a emoções de nível ansiogénico, é possível se verificar que na 1ª posição, a percentagem de escolha de cenas de realidade prevalece com 66.67%, e que na 3ª posição se repete com uma percentagem de 60%. Relativamente, à 2ª posição, as crianças seleccionaram mais frequentemente as cenas de Aflição com uma percentagem de 46.67%, contudo a escolha de cenas de Realidade está muito próximo, com 40% de escolha, ou seja, apenas menos 6,67%.

O outro grupo em análise é o referente ao 4º ano, onde se procura, assim como nos outros anteriores, analisar o total das frequências e percentagens, respectivamente, das escolhas feitas pelas crianças (N=14) das três categorias de cenas existentes (Aflição, Fantasia, Realidade) em cada uma das três posições de sequência (1ª, 2ª e 3ª).

Cartão Cena/Posição	I		II		III		IV		V		VI		VII	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª Posição Aflição	8	57.14	8	57.14	4	28.57	10	71.43	0	0	7	50	6	42.86
1ª Posição Fantasia	1	7.14	0	0	2	14.26	1	7.14	3	21.43	2	14.26	1	7.14
1ª Posição Realidade	5	35.71	6	42.86	8	57.14	3	21.43	11	78.57	5	35.71	7	50
2ª Posição Aflição	8	57.14	3	21.43	3	21.43	7	50	6	42.86	5	35.71	4	28.57
2ª Posição Fantasia	3	21.43	5	35.71	4	28.57	4	28.57	6	42.86	5	35.71	0	0
2ª Posição Realidade	3	21.43	6	42.86	7	50	3	21.43	2	14.26	4	28.57	10	71.43
3ª Posição Aflição	1	7.14	4	28.57	2	14.26	1	7.14	4	28.57	10	71.43	3	21.43
3ª Posição Fantasia	4	28.57	10	71.43	3	21.43	7	50	7	50	2	14.26	3	21.43
3ª Posição Realidade	9	64.29	0	0	9	64.29	6	42.86	3	21.43	2	14.26	8	57.14

Quadro 3: Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o 4º ano

Através de uma análise qualitativa global do Quadro 3, exposto acima, percebe-se que em relação aos cartões associados a emoções ansiogénicas (I, II, IV, VI, VII), na 1ª posição são as cenas de Aflição que apresentam as percentagens mais elevadas, com excepção do último cartão (Cartão VII), onde prevalecem a escolha de cenas de Realidade. No que diz respeito, aos cartões cuja temática está relacionada com emoções de nível prazeroso, são as cenas de Realidade que possuem umas percentagens mais elevadas. Referentemente à 2ª posição, nos cartões ansiogénicos, são também as cenas de Aflição que apresentam umas maiores percentagens de escolhas, contudo no Cartão

II e VII, as cenas de Realidade têm uma escolha superior e no Cartão VI, a escolha de cenas de Aflição apresenta uma escolha igual às cenas de Fantasia (35.71% em ambos). Nos Cartões III e V, associados a emoções prazerosas, são as cenas de Realidade, com 50% no Cartão III e as cenas de Aflição e Fantasia, que têm percentagens iguais (42.86%). Na 3ª posição, nos cartões associados a emoções ansiogénicas, são as cenas de Realidade no Cartão I e VII que apresentam as maiores percentagens de escolha, com 64,29% e 57.14%, respectivamente. Nos Cartões II e IV, as percentagens de escolha mais elevadas verifica-se nas cenas de Fantasia, e no Cartão VI, são as cenas de Aflição que estão superiores, com 71.43%. Nos cartões, cujo tema está mais relacionado com emoções de carácter prazeroso, são as cenas Realidade no Cartão III, e Fantasia no Cartão V, que têm os valores mais altos.

Seguidamente vai-se efectuar uma análise mais detalhada de cada cartão de modo individual, de modo a ser possível perceber e discutir posteriormente as diferenças com o grupo do 1º ano.

Sendo assim, no Cartão I (personagem num passeio com a mãe em que se perde e fica sozinha), é possível constatar que na 1ª e 2ª posição, são as cenas de Aflição que apresentam uma percentagem de escolhas mais elevadas (57.14% em ambos). Já na 3ª posição prevalecem as cenas de Realidade com uma percentagem de escolha de 64,29%, embora ainda houvesse 28.57% das crianças da amostra que escolhessem as cenas de Fantasia, ou seja, mais de metade das crianças, escolhe como resolução da situação apresentada a realidade, mas outro bocado um pouco mais pequeno, optam por recorrer à fantasia. Neste cartão, cuja temática está relacionada com emoções de carácter ansiogénico, os valores expostos nas duas primeiras posições podem relevar que as crianças se confrontaram com a situação e reagiram com ansiedade, causando a escolha de cenas de Aflição. Também se verifica que na 1ª posição, 35.71% das crianças da amostra também seleccionem cenas de Realidade e que na 2ª posição a percentagem de escolhas de cenas de Fantasia e Realidade são iguais, com 21.43%.

Na análise do Cartão II (personagem doente, necessitando de cuidados médicos), cartão associado a emoções ansiogénicas, é visível que a percentagem de escolha de cenas de Aflição possuem um valor mais elevado, com 57.14% na 1ª posição. Relativamente à 2ª posição, 42.86% das crianças, escolhem cenas de Realidade, mas também existem algumas crianças, nomeadamente 35.71%, que optam por cenas

associadas à Fantasia. Na 3ª posição, o recurso à fantasia para tentar resolver a situação, surge com uma percentagem de escolha de 71.43%, em detrimento das cenas de Aflição que têm apenas 28.57% e as cenas de Realidade que não tiveram nenhuma escolha neste cartão.

Relativamente ao Cartão III (personagem num passeio à praia com os pais), são as cenas de Realidade que têm uma maior percentagem nas três posições. Sendo um cartão que se caracteriza por estar ligado a emoções de carácter prazeroso, na 1ª posição, 57.14% são correspondentes a escolha de cena de Realidade, na 2ª posição possuem uma percentagem de escolha de 50% e já na 3ª posição, 64,29% das crianças escolheram estas cenas. Assim, as crianças associam a este acontecimento uma realidade agradável, embora exista algumas crianças da amostra que também seleccionem cenas de Aflição que indica que para elas esta ideia de passeio à praia com os pais e a possibilidade de poder conviver os pares causa um sentimento de aflição e ansiedade.

No que diz respeito ao Cartão IV (personagem acorda com um pesadelo), cujo tema se refere a emoções de carácter ansiogénico, observa-se que na 1ª e 2ª posição as cenas de Aflição apresentam as maiores percentagens de escolha com 71.43% e 50%, respectivamente. As crianças ao serem apresentadas a história associada a este cartão, reagem seleccionando cenas que traduzem acontecimentos aflitivos, o que já era esperado de acordo com o acontecimento associado que é de nível ansiogénico. Na 3ª posição, existe um maior recurso à Fantasia, com 50% de escolhas, contudo as cenas de Realidade também apresentam 42.86%. Assim, existe metade da amostra a recorrer a uma solução fantasia da situação ansiogénica apresentada, mas uma outra parte procura resolvê-la de modo realista, com base em acontecimentos mais reais.

No Cartão V (dia de anos da personagem), cartão associado a um tema prazeroso, verifica-se que existe uma escolha quase maioritária das cenas de Realidade na 1ª posição, com 78.57%. Apenas 7.14% das crianças da amostra recorreram a cenas de Fantasia e não houve, como já era esperado devido ao tema prazeroso do cartão, a escolha de cenas de Aflição. Na 2ª posição, o recurso a cenas de Aflição e a cenas de Fantasia, apresentam uma mesma percentagem de 42.86% em cada um. Em relação à 3ª posição, 50% das crianças da amostra, procuram uma resolução fantasista.

Relativamente ao Cartão VI (personagem assiste a uma briga dos pais), na 1ª posição existe uma maior percentagem de escolha de cenas de Aflição (50%). Na 2ª posição, são as cenas de Aflição (35.71%) e as cenas de Fantasia (35.71%) que têm uma maior percentagem de escolhas. Já na 3ª posição, o recurso às cenas de Aflição (71.43%) voltam a ter a percentagem de escolha mais alta. Deste modo, percebe-se que sendo um cartão cujo acontecimento é ansiogénico, inicialmente existe o confronto com a situação, causando como esperado a geração de ansiedade e logo remetendo para uma escolha mais aflitiva dos cartões. Contudo, também existem algumas crianças que optam pela escolha de cenas de Realidade, num tentativa de procurar uma solução mais realista da situação. No término da sequência, a maioria das crianças selecciona as cenas de Aflição, embora também seja visível, com uma percentagem mais baixa (14.26%), a escolha de cenas de fantasia e realidade, ou seja, existe uma pequena percentagem de crianças que recorrem à fantasia e à realidade para tentar encontrar uma solução para o acontecimento exposto.

Na análise do último cartão, o Cartão VII (personagem em contexto de sala de aula), constata-se que tratando-se de um cartão em que o acontecimento está ligado a emoções ansiogénicas, nas três posições são as cenas que representam situações realistas que têm uma maior percentagem de escolha. Na 1ª e 2ª posição, com 50% e 71.43% respectivamente, são as cenas associadas à Realidade que são escolhidas, mas também existe na 1ª posição uma percentagem considerável, de 42.86% de crianças que optam por cenas de Aflição.

**b) Diferença entre Géneros através da análise das frequências e percentagens de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências**

Um outro ponto de interesse em estudo são as diferenças entre os géneros, assim efectuou-se uma análise das frequências e percentagens de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o género Feminino. No quadro 4, seguidamente exposto, verifica-se os valores obtidos.

Cartão	I		II		III		IV		V		VI		VII	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1ª Posição Aflição	10	66.67	7	46.67	2	13.33	12	80	0	0	7	46.67	6	40
1ª Posição Fantasia	0	0	2	13.33	4	26.67	1	6.67	7	46.67	1	6.67	1	6.67
1ª Posição Realidade	5	33.33	6	40	9	60	2	13.33	8	53.33	7	46.67	8	53.33
2ª Posição Aflição	8	53.33	3	20	6	40	12	80	5	33.33	4	26.67	6	40
2ª Posição Fantasia	2	13.33	3	20	3	20	1	6.67	4	26.67	5	33.33	0	0
2ª Posição Realidade	5	33.33	9	60	6	40	2	13.33	6	40	6	40	9	60
3ª Posição Aflição	1	6.67	6	40	3	20	3	20	6	40	9	60	2	13.33
3ª Posição Fantasia	3	20	6	40	5	33.33	4	26.67	3	20	4	26.67	2	13.33
3ª Posição Realidade	11	73.33	3	20	7	46.67	8	53.33	6	40	2	13.33	11	73.33

Quadro 4: Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das seqüências para o gênero Feminino

Começando por realizar uma síntese do Quadro 4, percebe-se que nos cartões associados a acontecimentos prazerosos (I, II, IV, VI, VII) na 1ª posição são as cenas de Aflição que apresentam umas percentagens mais elevadas, tal como seria de se esperar, já que está-se a lidar com acontecimentos desencadeadores de ansiedade, e logo Aflição. Contudo, no cartões VI, é visível que a percentagem de escolha de cenas de Aflição se assemelha às cenas de Realidade (46,67% em ambos), e que no que diz respeito ao Cartão VII, são as cenas de Realidade que apresentam uma maior percentagem de escolha (53.33%).

Nos cartões cujos acontecimentos remetem para emoções prazerosas (III, V), é possível verificar que são as cenas de Realidade que apresentam percentagens mais elevadas, e que as cenas de Aflição, ou não têm escolha (Cartão V) ou a percentagem é baixa (Cartão III). Mais adiante falaremos deste ponto mais detalhadamente.

Em relação à 2ª posição, pode-se constatar que nos cartões associados a emoções de carácter ansiogénico (I, II, IV, VI, VII), são as cenas de Aflição que têm os valores mais elevados, por exemplo o Cartão IV tem 80% de escolha de cenas de Aflição. Apesar disso, as cenas de Realidade também têm valores altos, e por vezes superiores às

de Aflição. Isto poderá indicar que algumas das crianças, procura uma solução realista da situação ansiogénica apresentada, mas outras não conseguem ultrapassar a ansiedade que este acontecimento causa. Nos cartões com acontecimentos ditos prazerosos, ou seja, Cartão III, e Cartão V, as percentagens estão muito próximas uma das outras. As cenas de Realidade (Cartão III-40% e Cartão V-40%) conseguem ter um pouco mais de escolhas, contudo logo de seguida estão as cenas de Aflição (C.III-40%, C.V-33.33%) e Fantasia (C.III-20%, C.V-26.67%). Já na 3ª posição, em relação aos cartões I, IV, VII, são as cenas de Realidade que conseguem ter uma percentagem de escolhas mais elevada. Nos cartões II e VI, são as cenas de Aflição que têm os valores mais alto. Relativamente aos cartões associados a acontecimentos prazerosos (III, V), são as cenas de Realidade que voltam a ter os valores mais altos, como se sucedeu nas anteriores posições. No cartão V, contudo a percentagem de escolhas de cenas de Aflição igualiza a de cenas de Realidade.

Seguidamente, procurar-se-á explicar mais detalhadamente os valores expressos, através da análise de cada cartão de modo singular. No Cartão I (personagem num passeio com a mãe em que se perde e fica sozinha), que se encontra associado a um acontecimento ansiogénico, é visível que são as cenas de Aflição que surgem com uma maior percentagem de escolha na 1ª e 2ª posição (66.67% e 53.335, respectivamente). Na 3ª posição são as cenas de Realidade que têm 73.33% de escolha, contudo na 1ª e 2ª posição ainda existem 33.33% de crianças que escolhem as cenas de Realidade. Deste modo, perante a situação ansiogénica apresentada existem aquelas que procuram resolvê-la de modo realista, e outras assumem uma postura de Aflição, indo de encontro com a temática do Cartão.

No Cartão II (personagem doente, necessitando de cuidados médicos), a percentagem de escolha de cenas de Aflição apresentam valores superiores na 1ª posição (46.67%) e na 3ª posição (40%), embora se possa considerar que as percentagens neste cartão se encontram mais distribuídas por todas as categorias. Na 2ª posição, as cenas de Realidade, assumem a maior percentagem de escolha com 60%. De salientar que tratando-se de um cartão com um acontecimento ansiogénico, de doença, que normalmente conduz a pensamentos mais penosos, como a própria morte, existe ainda uma percentagem de crianças que lida com esta situação através do recurso à fantasia, ao inimaginável para atenuar a ansiedade causada.

No que diz respeito ao Cartão III (personagem num passeio à praia com os pais), constata-se que as cenas de Realidade apresentam os maiores valores em todas as posições, como é esperado, uma vez que se trata de uma cartão associado a emoções de carácter prazeroso. Na 2ª posição, a percentagem de crianças que escolhe cenas de Realidade é igual à que escolhe cenas de Aflição, ou seja, algumas das crianças da amostra consideram a saída com os pais à praia, e quem sabe, a possibilidade de convívio como um acontecimento que pode desencadear Aflição, algo pouco agradável.

Na análise do Cartão IV (personagem acorda com um pesadelo), que traduz uma situação vivida por muitas crianças como bastante ansiogénica e perturbante, são as cenas de Aflição que têm uma maior percentagem de escolha na 1ª e 2ª posição, com 80% em ambas. Na 3ª posição são as cenas de Realidade que assumem a primazia com 53.33% de escolha. Deste modo, percebe-se que perante este acontecimento ansiogénico, existe uma tentativa das crianças, após se confrontarem com a aflição característica do momento, de tentarem procurar uma resolução realística da mesma. O recurso à fantasia, para tentar atenuar ou resolver a emoção provocada pela cena, também é visível com uma percentagem de 26.67%.

Relativamente ao Cartão V (dia de anos da personagem), que se encontra ligado a um acontecimento de cariz prazeroso, a percentagem de escolha de cenas de Realidade apresenta valores mais altos na 1ª e 2ª posição. Na 3ª posição, a percentagem de crianças da amostra que escolhem as cenas de Realidade é igual às que escolhem cenas de Aflição, com 40% em ambas. Considerando que se trata de um cartão com uma temática prazerosa, as percentagens de crianças que escolhem cenas de Aflição ainda é notável na 2ª posição com 33.33%, e como já salientado, na 3ª posição também se verifica o mesmo. Assim, esta temática também pode ser desencadeadora de Aflição, por motivos inerentes à vivência de cada criança. Mas de modo geral, e como seria esperado, são o recurso à Realidade e Fantasia que atingem a maioria das crianças do género Feminino.

No Cartão VI (personagem assiste a uma briga dos pais), com um acontecimento ansiogénico, na 1ª posição as cenas de Realidade e Aflição assumem uma idêntica percentagem de escolha, com 46.67% em ambas, Já na 2ª posição, são as cenas de Realidade, que com 40% de escolha têm o valor mais alto. Já na 3ª posição, são as cenas de Aflição que apresentam a maior percentagem de escolha com 60%. De salientar

contudo que o recurso às cenas de Fantasia também é visível, sobretudo a a partir da 2ª posição.

Por último, na análise do Cartão VII (personagem em contexto de sala de aula), cujo acontecimento é bastante familiar para as crianças da amostra em estudo, a percentagem de escolha de cenas de Realidade é que apresenta os valores mais altos em todas as posições. Apesar de na 1ª e 2ª posição estar relativamente próxima das cenas de Aflição. O recurso á Fantasia, neste cartão, apresenta valores mínimos. Tratando-se de um cartão associado a um acontecimento ansiogénico, de incapacidade da personagem de resolver uma questão perante a turma toda, é notável que o género Feminino, procura a resolução por um caminho ligado à realidade, embora algumas ainda passem pela Aflição da situação em si.

Após a observar o grupo feminino, ir-se-á analisar o grupo masculino, nos mesmos termos que o outro grupo, para posteriormente ser possível comparar ambos. Assim sendo, no Quadro 5, exposto de seguida, é possível observar as frequências e percentagens de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o género Masculino.

Cartão Cena/ Posição	I		II		III		IV		V		VI		VII	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1º Posição Aflição	6	42.86	3	21.43	5	35.71	9	64.29	0	0	5	35.71	4	28.57
1º Posição Fantasia	2	14.29	1	7.14	0	0	1	7.14	7	50	4	28.57	1	7.14
1º Posição Realidade	6	42.86	10	71.43	9	64.29	4	28.57	7	50	5	35.71	9	64.29
2º Posição Aflição	6	42.86	6	42.86	1	7.14	4	28.57	5	35.71	6	42.86	5	35.71
2º Posição Fantasia	6	42.86	6	42.86	5	35.71	7	50	4	28.57	2	14.29	2	14.29
2º Posição Realidade	2	14.29	2	14.29	8	57.14	3	21.43	5	35.71	6	42.86	7	50
3º Posição Aflição	3	21.43	3	21.43	1	7.14	3	21.43	2	14.29	6	42.86	3	21.43
3º Posição Fantasia	3	21.43	10	71.43	9	64.29	7	50	7	50	5	35.71	5	35.71
3º Posição Realidade	8	57.14	1	7.14	4	28.57	4	28.57	5	35.71	3	21.43	6	42.86

Quadro 5: Frequência (F) e Percentagem (%) de escolha de cada categoria de cena em cada uma das três posições das sequências para o género Masculino

Começando por efectuar uma análise mais geral do Quadro, constata-se que nos cartões que representam acontecimentos ansiogénicos (I, II, IV, VI, VII) na 1ª posição, as cenas de Aflição e Realidade têm percentagens próximas. Quanto às cenas de Fantasia, nestes mesmos cartões, as percentagens são relativamente baixas, com valores inferiores a 50%. Nos cartões associados a acontecimentos prazerosos (III, V), são as cenas de Realidade que se destacam com percentagens de 71.43% no Cartão III e 50% no Cartão V. Relativamente à 2ª posição, nos cartões I, II, IV, são as cenas de Aflição e Realidade que apresentam as maiores percentagens de escolha. Já nos cartões VI e VII, são as cenas de Realidade que se destacam, com excepção do Cartão VI, onde as cenas de Aflição têm a mesma percentagem de escolha que as cenas de Realidade (42.86% em ambos). Nos cartões ligados a acontecimentos prazerosos (III, V), a maior percentagem de escolha é visível nas cenas de Realidade, embora as cenas de Fantasia também possam valores razoáveis. Na 3ª posição, é possível observar que nos cartões relacionados com acontecimentos ansiogénicos, as cenas de Fantasia apresentam percentagens elevadas, ao contrário do que se sucede nas posições anteriores. Contudo também se verifica que as cenas de Realidade também apresentam percentagens de escolha maiores nos cartões I, IV e VII.

De seguida, com a análise individual de cada cartão, ir-se-á perceber mais detalhadamente, os valores obtidos em cada cartão, para as diferentes posições e categorias para este grupo.

No Cartão I (personagem num passeio com a mãe em que se perde e fica sozinha), que se encontra adjunto a um acontecimento ansiogénico, são as cenas de Aflição e Realidade que assumem as percentagens mais elevadas na 1ª posição, com 42.86% em ambos. Na 2ª posição, as cenas de Fantasia têm uma percentagem igual às cenas de Aflição, o que indica que uma parte das crianças da amostra opta por procurar uma resolução Fantasista, enquanto que outras consideram que o acontecimento acarreta com ele apenas Aflição, resultante da sensação de ansiedade. As cenas de Realidade voltam a ter um valor mais elevado, na 3ª posição, com 57.14%. Assim, tratando-se de um acontecimento causador de ansiedade e logo aflição, por despertar uma sensação de perda, de solidão ou de perigo em casos extremos, existe inicialmente um maior confronto com a identificação com uma cena aflitiva e posteriormente uma procura de uma solução dentro da realidade.

No Cartão II (personagem doente, necessitando de cuidados médicos), constata-se que as cenas de Realidade são as que apresentam uma maior percentagem de escolha na 1ª posição, ao contrário do que se suponha, uma vez que se trata de um cartão ligado a um acontecimento ansiogénico. Seguidamente, é que se verifica que as cenas de Aflição e Fantasia apresentam a maior percentagem de escolhas com 42.86% em ambos, terminando numa procura de uma resolução fantasista da situação, com uma escolha de 71.43% de cenas de Fantasia.

Na análise do Cartão III (personagem num passeio à praia com os pais), que caracteriza por um acontecimento prazeroso, verifica-se que são as cenas de Realidade que apresentam a percentagem mais elevada na 1ª e 2ª posição, com 64.29% e 57.14%, respectivamente. Em relação à 3ª posição, a maior percentagem de escolha é visível nas cenas de Fantasia, com 64.29%. Há que salientar um ponto importante, presente na 1ª posição, onde se verifica que 35.71% das crianças que constituem a amostra escolhem cenas de Aflição. Deste modo, para estas crianças, a possibilidade de convívio com os seus e com os pais, pode ser desencadeadora de emoções de Aflição.

Relativamente ao Cartão IV (personagem acorda com um pesadelo), onde a situação é carregada de uma enorme ansiedade para algumas crianças, é possível verificar e aliás confirmar este facto com a maior percentagem na escolha de cenas de Aflição na 1ª posição, com 64.29%. Na 2ª e 3ª posição, são as cenas de Fantasia, que apresentam uma percentagem de 50% de escolhas, ou seja, metade da amostra procura a resolução da situação com o recurso ao inimaginável, ao irreal, à Fantasia. Uma outra metade divide-se entre o recurso à realidade e o manter da Aflição gerada pela situação.

No que diz respeito ao Cartão V (dia de anos da personagem), que representa um dia muito desejado pela maioria das crianças, de convívio, de brincadeira, constata-se que as cenas de Fantasia e Realidade é que apresentam uma maior percentagem de escolha. Na 1ª posição, ambas as cenas apresentam 50% de escolha, em detrimento da Aflição, que como já era esperado, possui uma percentagem nula. Na 2ª posição, as cenas de Realidade apresentam 35.71% de escolhas, em conjunto com as de Aflição que possuem a mesma percentagem. Deste modo, existe algumas crianças da amostra que consideram que neste dia, também pode estar patente a aflição e não ser vivenciado como um dia de total alegria e confraternidade. Na 3ª posição, são novamente as cenas

de Fantasia que apresentam uma maior percentagem com 50%, seguidas das cenas de realidade com 35.71%.

No cartão VI (personagem assiste a uma briga dos pais), que se traduz por simbolizar um acontecimento ansiogénico, é possível observar que as cenas de Realidade e Fantasia têm a mesma percentagem de escolha na 1ª e 2ª posição, com respectivamente, 35.71% e 42.86%. Assim, da amostra em estudo deste grupo, a quantidade de crianças que recorre a uma tentativa realista da situação ansiogénica apresentada, assemelha-se às que procuram resolver com o recurso à fantasia, a algo superior a elas, quem sabe, a algo mágico ou transcendente. Na 3ª posição, 42.86% da amostra deste grupo, opta pela escolha das cenas de Aflição, embora haja ainda uma parte (35.71%) que se incline para a fantasia como uma resolução plausível.

Por último, na análise do Cartão VII (personagem em contexto de sala de aula), são as cenas de Realidade que possuem uma maior percentagem de escolha nas três posições da sequência. Na 1ª posição, uma parte também se remete para a Aflição, justificada pelo carácter ansiogénico do cartão. Na outra posição, são novamente as cenas de Aflição que têm uma maior percentagem a seguir às cenas de Realidade. Conduzindo a um desfecho, onde na 3ª posição, após as cenas de Realidade com 42.86%, surgem as cenas de Fantasia com 35.71%. Assim, o contexto de sala de aula e a incapacidade perante a turma pode ser encarada com um resolução realista factual e quem sabe agradável, ou recorrendo mais uma vez, à fantasia, a um modo “mágico” de alcançar a resolução.

## **2. Análise da diferença que existe entre os dois grupos, em cada uma das nove cenas existentes para cada cartão.**

Uma outra parte do propósito deste estudo, é analisar a diferença que existe entre os dois grupos, em cada uma das nove cenas existentes para cada cartão. Deste modo, vai-se efectuar uma análise individual de cada cartão, analisando sobretudo a percentagem de escolhas.

Grupo/ Cena	Género				Escolaridade			
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1º ano (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	13	86.67	10	71.43	13	86.67	10	71.43
2	4	26.67	4	28.57	4	26.67	6	42.86
3	0	0	4	28.57	3	20	2	14.29
4	12	80	6	42.86	10	66.67	8	57.14
5	3	20	2	14.29	2	13.33	3	21.43
6	3	20	2	14.29	2	13.33	3	21.43
7	2	13.33	4	28.57	3	20	3	21.43
8	5	33.33	4	28.57	5	33.33	4	28.57
9	3	20	3	21.43	3	20	3	21.43

Quadro 6: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão I

No Quadro 6, exposto acima, referente ao Cartão I (personagem num passeio com a mãe em que se perde e fica sozinha), iniciando-se pelo género, no grupo feminino é possível verificar que são as cenas 1 (86.67%) e 4 (80%) que apresentam uma percentagem de escolha superior a 50%, o que já pode ser considerado uma percentagem razoável. Já a cena 3, não têm nenhuma escolha efectuada. Tratando-se de um cartão com um acontecimento ansiogénico, previa-se uma maior percentagem de escolha de cenas associadas à Aflição, o que se verifica na cena 4, que é uma cena associada a essa categoria. As restantes cenas (2, 9) pertencentes a esta categoria têm apenas uma percentagem que ronda os 26.67% e os 20%, respectivamente.

Em relação ao grupo Masculino, constata-se que as percentagens mais altas se verificam nas cenas 1 (71.43%) e na cena 4 (42,86%). As restantes escolhas encontram-se distribuídas de modo muito semelhante pelas outras cenas, variando entre valores como os 14,29% (cenas 5, 6) 28,57% (cenas 2, 3, 7, 8) e 21.43%. (cena 9). Analisando estes dois grupos, percebe-se que a maior percentagem de escolha remete em ambos para as cenas 1 e 4 que simbolizam um acontecimento aflitivo, estando de acordo, como já foi referido, com o tema do cartão. Ao contrário do grupo Feminino, o grupo Masculino ainda possui 28.57% de escolha das cenas 3, referente à categoria de Fantasia.

Relativamente à Escolaridade, temos em análise dois grupos, o grupo do 1º ano e o grupo do 4º ano, também em relação à escolha das nove cenas do Cartão I.

No grupo do 1º ano, verifica-se uma vez que o cartão remete para um acontecimento ansiogénico, uma maior percentagem na escolha das cenas 1 (86.67%) e 4 (66.67%), sendo que as menos escolhidas, ou melhor, aquelas que apresentam uma percentagem mais baixa são as cenas 5 e 6, com 13.33% ambas. Já em relação ao 4º ano, apesar de também se verificar uma percentagem mais alta na escolha das cenas 1 e 4, com 71.43% e 57.14%, respectivamente, existe uma escolha de 42.86% da cena 2. Deste modo, no grupo do 4º ano está mais patente a associação ao acontecimento ansiogénico, a escolha de cenas pertencente à categoria de Aflição.

Passando à análise do Cartão II, pela observação do Quadro 7, exposto abaixo, e começando primeiramente pela análise do Género, é possível verificar que no grupo Feminino (N=15), existe uma maior percentagem de escolha das cenas 1, 3, 9. Considerando as percentagens superiores a 50%. Destas cenas anunciadas anteriormente, destaca-se a cena 1, que tem uma percentagem de escolha de 66.67%, pertencente à categoria de Realidade. Assim, esta parte da amostra do grupo Feminino, considera que a tentativa de uma resolução realista é a mais adequada. Tendo em consideração que se trata de um cartão associado a um acontecimento ansiogénico, a percentagem de escolha das cenas pertencentes à categoria de Aflição (2, 4, 9), não é a mais elevada, mas a cena 9 ainda tem 53.34% de escolha.

Grupo/ Cena	Género				Escolaridade			
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1º ano (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	10	66.67	5	35.71	10	66.67	5	35.71
2	4	26.67	3	21.43	3	20	4	28.57
3	8	53.34	9	64.29	8	53.34	9	64.29
4	3	20	5	35.71	4	26.67	4	28.57
5	3	20	3	21.43	2	13.33	4	28.57
6	5	33.33	3	21.43	4	26.67	4	28.57
7	0	0	5	35.71	3	20	2	14.29
8	4	26.67	5	35.71	5	33.33	4	28.57
9	8	53.34	4	28.57	6	40	6	42.86

Quadro 7: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão II

Em relação ao grupo Masculino (N=14), é a cena 3 que apresenta a percentagem de escolha mais alta, com 64,29%, que representa a categoria da Fantasia. As restantes cenas possuem uma distribuição entre os 35.71% e os 21.43%.

Assim o grupo Feminino, recorre mais às cenas de Realidade, enquanto que o Masculino opta pela Fantasia, para tentarem procurar a resolução para o acontecimento apresentado.

Uma outra parte em análise é a Escolaridade, nomeadamente o grupo do 1º ano e o do 4º ano.

Assim, começando pelo 1º ano, verifica-se que são as cenas 1 que têm 66,67% de escolhas, remetendo esta para a categoria de Realidade. É possível visualizar que também a cena 3, possui uma percentagem de 53,34% de escolha, mas esta remete para a categoria de Fantasia. Como já referido, este cartão retrata um acontecimento ansiogénico, e logo se espera que haja uma escolha de cenas de Aflição com uma percentagem mais elevada. Estas cenas são a 2 (20%), a 4 (26,67%) e a 9 (40%), ou seja, apesar de ter percentagens não serem superiores a 50%, a cena 9 ainda possui 40% de escolhas, remetendo esta para a cena onde a criança é transportada numa ambulância. Em relação ao grupo do 4º ano, a cena 3, com uma percentagem de escolha de 64,29%, é a que tem o valor mais elevado de escolha, pertencendo à categoria de Fantasia. A cena 9, com 42,86%, é a que possui uma das outras percentagens mais elevadas, retratando um acontecimento pertencente à categoria de Aflição. A menor percentagem é visível, na escolha da cena 7, associada à categoria de Fantasia

Relativamente ao Cartão III (personagem num passeio à praia com os pais), que representa um acontecimento prazeroso, mantendo a estrutura de análise dos cartões anteriores, ir-se-á primeiramente analisar o Género, nomeadamente o grupo Feminino e o grupo Masculino, através do Quadro\_\_, exposto em baixo.

Em relação ao grupo Feminino (N=15), é a cena 1 que apresenta uma maior percentagem de escolha com 53,34%, remetendo para a categoria da Realidade. As cenas 6, 7 e 8 apresentam a mesma percentagem de escolha, de 46,67%, retratando acontecimentos ligados à categoria de Realidade (6, 8) e Fantasia (7). As cenas que apresentam uma percentagem um pouco mais baixa, com 13,33%, são as cenas 3 e 4 que remetem para a categoria da Aflição e Fantasia, respectivamente.

No grupo Masculino (N=14), 64,29% das crianças escolhem a cena 1, que retrata um acontecimento pertencente à Realidade. As restantes cenas pertencentes a esta categoria, ou seja, a cena 6 e a cena 8, apresentam percentagens com 35,71% e 50% de

escolhas, respectivamente. As cenas que possuem uma percentagem de escolha mais baixa, pertencem à categoria de Aflição, são as cenas 4 e 9, ambas com 7.14%.

Este ponto é curioso, porque tratando-se, como já foi referido, de um cartão associado a um acontecimento prazeroso, de convívio com os seus pares e familiares, já seria esperado que a maioria da percentagem de escolha se inclinasse para a escolha de cenas de Realidade e Fantasia, tal como se confirmou em ambos os grupos, muito embora, o grupo Masculino tenha menos percentagem de escolha das cenas de Aflição em comparação com o grupo Feminino.

Grupo/ Cena	Género				Escolaridade			
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1º ano (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	8	53.34	9	64.29	11	73.33	6	42.86
2	4	26.67	5	35.71	3	20	6	42.86
3	3	20	4	28.57	6	40	1	7.14
4	2	13.33	1	7.14	2	13.33	1	7.14
5	2	13.33	2	14.29	3	20	1	7.14
6	7	46.67	5	35.71	4	26.67	8	57.14
7	7	46.67	8	57.14	8	53.34	7	50
8	7	46.67	7	50	4	26.67	10	71.43
9	5	33.33	1	7.14	4	26.67	2	14.29

Quadro 8: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão III

No que diz respeito à Escolaridade, e ainda em relação ao Quadro 8, exposto acima, é visível que no 1º ano, a maior percentagem de escolha, remete para a cena 1 (73.33%), e ainda para a cena 7, com 53.34%, pertencentes à categoria de Realidade e Fantasia, respectivamente. A menor escolha verifica-se e na cena 4, com 13.33% e pertencente à categoria de Aflição.

No grupo do 4º ano, são as cenas 6 (57,14%) e 8 (71,43%), ambas pertencentes à categoria de Realidade, que têm a maior percentagem de escolha. Já a menor percentagem de escolha, observa-se nas cenas 3, 4 e 5, com 7.14%. Estas remetem para as categorias de Aflição (4) e Fantasia (3 e 5).

Assim sendo, nestes dois grupos são as cenas de Fantasia e Realidade que têm uma maior percentagem de escolha, embora o número de cenas com a maior percentagem não seja igual. O grupo do 1º ano, têm as percentagens mais elevadas nas

cenar ligadas à Fantasia, nomeadamente a cena 7 com 53.34%, em comparação com o grupo do 4º ano, O que poderá indicar que as crianças a frequentar o 1º ano, no contexto da nossa amostra, recorrem mais à fantasia, do que as crianças do 4º ano, que já procuram mais as resoluções realísticas.

No cartão IV (personagem acorda com um pesadelo), observando-se o Quadro 9, em baixo, através da análise das percentagem de escolha das nove cenas em cada grupo, é visível que no Género, nomeadamente no grupo Feminino (N=15), são as cenas 2 e 4, com 80% e 53.34%, respectivamente, que têm uma percentagem de escolha mais elevada. Já as cenas 3 e 5, com 6.67% em ambas, são as que apresentam os valores mais baixos. Há que salientar que neste grupo, a cena 1, associada a uma situação pertencente à categoria da Realidade, possui uma percentagem nula de escolhas. Deste modo, como seria de esperar, uma vez que se trata de um cartão associado a um acontecimento ansiogénico, são as cenas de Aflição (2, 4, 9) que têm os valores mais elevados de escolhas e as cenas de Fantasia (3, 5, 7) as que apresentam os valores mais baixos.

Grupo/ Cena	Género				Escolaridade			
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1º ano (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	0	0	4	28.57	4	26.67	0	0
2	12	80	7	50	11	73.33	8	57.14
3	1	6.67	2	14.29	2	13.33	1	7.14
4	8	53.34	4	28.57	7	46.67	5	35.71
5	1	6.67	6	42.86	3	20	4	28.57
6	7	46.67	4	28.57	3	20	8	57.14
7	4	26.67	7	50	4	26.67	7	50
8	5	33.33	3	21.43	4	26.67	4	28.57
9	7	46.67	5	35.71	7	46.67	5	35.71

Quadro 9: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão IV

No grupo Masculino (N=14), são as cenas 2 e 7, ambas com 50% de escolha, que apresentam as percentagens mais altas. Estas pertencem às categorias de Aflição e Fantasia, respectivamente. Já a cena 3, com 14,29%, é a que apresenta de escolha mais baixa, sendo pertencente à categoria de Fantasia.

Assim, no grupo Feminino, a maior tendência é escolher as cenas de Aflição (2, 4, 9), enquanto que no grupo Masculino, além das cenas de Aflição, também as cenas de

Fantasia (3, 5, 7) apresentam percentagens mais altas, em comparação com o grupo Feminino.

Analisando agora a Escolaridade, e começando pelo 1º ano, é visível que a maior percentagem se manifesta na escolha da cena 2, com 73.33%. Este cena remete para um acontecimento associado à categoria de Aflição. Já a percentagem mais baixo, observa-se na escolha da cena 3 (13.33%) que retrata uma situação ligada à Fantasia.

No que diz respeito ao 4º ano, são as cenas 2 e 6, com 57.14% em ambas, que apresentam uma das percentagens mais altas, estando ligadas à categoria de Aflição e Realidade, respectivamente. A cena 1, relacionada com um acontecimento Realístico, possui uma percentagem nula de escolha, seguida da cena 3, relacionada com um acontecimento Fantasia, que tem 7.14% de escolha.

Na análise do Cartão V (dia de anos da personagem), associado a um acontecimento prazeroso, através da análise do Quadro 10, exposto abaixo, e iniciando-se pelo Género, nomeadamente pelo grupo Feminino (N=15), constata-se que a cena 8, relacionada com a categoria de Realidade é a que apresenta a percentagem de escolha mais elevada das nove cenas existentes, com 86.67%. Em acordo com o grupo Masculino (N=14), onde a percentagem de escolha mais elevada também é visível na cena 8, mas com 64,29%. A cena com uma percentagem mais reduzida, é a cena 2 (6.67%), associada à categoria de Aflição, isto em relação ao grupo Feminino. No que diz respeito ao grupo Masculino, é a cena 9, também associada a um acontecimento aflitivo, que apresenta a percentagem de escolha mais baixa, com 7.14%.

Grupo/ Cena	Género		Escolaridade					
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1º ano (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	3	20	2	14.29	3	20	2	14.29
2	1	6.67	3	21.43	3	20	1	7.14
3	2	13.33	2	14.29	3	20	1	7.14
4	4	26.67	3	21.43	2	13.33	5	35.71
5	8	53.34	8	57.14	6	40	10	71.45
6	6	40	6	42.86	8	53.34	4	28.57
7	4	26.67	8	57.14	7	46.67	5	35.71
8	13	86.67	9	64.29	11	73.33	11	78.57
9	4	26.67	1	7.14	2	13.33	3	21.43

Quadro 10: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão V

Relativamente à Escolaridade, e ainda em análise do Quadro\_\_\_, verifica-se que no 1º ano (N=15) é a cena 8, associada a uma situação da categoria da Realidade, a que apresenta a maior percentagem de escolha, com 73.33%. O mesmo também se verifica no 4º ano (N=14), onde a escolha da cena 8 á que apresenta a maior percentagem de escolha, mas com 78,57%. Em relação às cenas que possuem uma menor percentagem, no caso do grupo do 1º ano, pode-se considerar as cenas 4 e 9, com 13.33% em ambas, e relacionadas com a categoria de Aflição. No grupo do 4º ano, são as cenas 2 e 3 (7.14% em ambas), que apresentam a percentagem de escolha mais inferior, estando associadas à categoria da Aflição e Fantasia, respectivamente. Tratando-se de uma cartão associado a emoções de carácter prazeroso, seria de esperar que os grupos optassem por uma escolha superior das cenas correspondentes à categoria da Realidade (1,6,8) ou de Fantasia (3,5,7), em detrimento das cenas de Aflição, tendo verificado exactamente isso.

Relativamente ao cartão VI (personagem assiste a uma briga dos pais), no Género, através do Quadro 11 e iniciando-se pelo grupo Feminino (N=15), é visível que as cenas 1 e 2, são as que apresentam a maior percentagem de escolha, com 53.34% em ambas, embora a cena 4 esteja relativamente próxima com 40% de escolhas. A cena 1 e 2, estão ligadas à categoria de Realidade e Aflição, respectivamente, e a cena 4 está ligada também à categoria de Aflição. A cena que apresenta a percentagem mais baixas, é a cena 1 (6.67%), relacionada com a categoria da Fantasia, no caso do grupo Feminino. No grupo Masculino, a cena 6 que tem uma percentagem nula, estando associada a um acontecimento realístico.

Grupo/ Cena	Género				Escolaridade			
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1ºAno (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	8	53.34	10	71.45	11	73.33	7	50
2	8	53.34	5	35.71	6	40	7	50
3	4	26.67	4	28.57	4	26.67	4	28.57
4	6	40	7	50	7	46.67	6	42.86
5	5	33.33	5	35.71	5	33.33	5	35.71
6	3	20	0	0	2	13.33	1	7.14
7	1	6.67	2	14.29	3	20	0	0
8	4	26.67	3	21.43	3	20	3	21.43
9	5	33.33	6	42.86	3	20	9	64.29

Quadro 11: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão VI

Na Escolaridade, temos no 1º ano (N=15), uma percentagem de escolha de 73.33% da cena 1, sendo uma das percentagens mais elevadas. Esta cena pertence à categoria da Realidade. Já no grupo do 4º ano (N=14), a percentagem de escolha mais alta verifica-se em uma das cenas da categoria da Aflição, na cena 9, com 64.29%. Embora a percentagem de escolha das cenas 1 e 2 esteja relativamente próxima, com 50% em ambas, estando ligadas à categoria de Realidade e Aflição, respectivamente. Quanto às cenas em que a sua percentagem de escolha é inferior, pode-se considerar a cena 6, com apenas 13.33%, pertencente à categoria de Realidade, no caso do grupo do 1º ano. No 4º ano, a cena 6 também apresenta uma percentagem de escolha baixa, com 7,14%. Há de salientar contudo que neste grupo a cena 7, que representa um acontecimento ligado à categoria Fantasia, apresenta uma percentagem nula.

Por último, na análise do Cartão VII (personagem em contexto de sala de aula), observando-se o Quadro 12, em baixo, constata-se que relativamente ao Género, no grupo Feminino (N=15), verifica-se que a maior percentagem de escolha surge na cena 8, pertencente à categoria de Realidade, com 80%. No grupo Masculino (N=14) é a cena 1, com 71.43%, que tem a percentagem mais elevada. Esta cena também está ligada à categoria de Realidade. A menor percentagem de escolha é visível nas cenas 3, 5 e 7, com 6.67% em todas, pertencendo estas à categoria de Fantasia. No grupo Masculino, também a cena 7, tem a percentagem de escolha mais baixa, com 7.14%.

Grupo/ Cena	Género				Escolaridade			
	Feminino (N=15)		Masculino (N=14)		1ºAno (N=15)		4º ano (N=14)	
	F	%	F	%	F	%	F	%
1	8	53.34	10	71.43	10	66.67	8	57.14
2	5	33.33	3	21.43	4	26.67	4	28.57
3	1	6.67	3	21.43	2	13.33	2	14.29
4	7	46.67	7	50	6	40	8	57.14
5	1	6.67	4	28.57	4	26.67	1	7.14
6	8	53.34	5	35.71	5	33.33	8	57.14
7	1	6.67	1	7.14	1	6.67	1	7.14
8	12	80	7	50	10	66.67	9	64.29
9	2	13.33	2	14.29	3	20	1	7.14

Quadro 12: Frequência (F) e Percentagens (%) de escolha das nove cenas em cada grupo, no Cartão VII

No que diz respeito à Escolaridade, e começando pelo 1º ano (N=15), as cenas 1 e 8, da categoria da realidade ambas, são as que apresentam percentagem mais elevada,

com 66,67% nas duas. No grupo do 4º ano (N=14), também a cena 8 é a que apresenta a maior percentagem de escolha com 64.29%. Seguida pelas cenas 1, 4 e 6, que têm 57.14% de escolha, estas pertencem à categoria da Realidade (1, 6) e Aflição (4). Agora em relação às cenas que tiveram a menor percentagem de escolha são, no caso do grupo do 1º ano, a cena 7, com 6.67% (categoria Fantasia). Já no caso do grupo do 4º ano, as cenas 5, 7 e 9, todas com 7.14% de escolha, são as que têm a menor percentagem de escolhas. Estas remetem para a categoria de Fantasia (5, 7) e Aflição (9).

## Discussão dos Resultados

Passando-se a discutir os resultados que se obtiveram, oriundos da aplicação do teste projectivo “Era uma vez...”, com o objectivo de avaliar a elaboração das emoções em crianças de dois níveis de escolaridade distintos e as diferenças existentes entre os géneros (masculino e feminino), ir-se-à primeiramente realizar uma discussão generalista, focando-nos posteriormente no objectivo em si.

Como já foi referido, este teste divide-se em sete cartões, subdivididos em dois acontecimentos, ou ansiogénico (I, II, IV, VI, VII) ou prazeroso (III, V), que têm a eles associados nove cenas, das quais foram escolhidas três e colocadas em sequência. Estas cenas, estão por sua vez divididas em três categorias, que iremos analisar com mais minúcia neste ponto. A sequência (1º, 2º e 3º posição) e a categoria escolhida (Aflição, Fantasia, Realidade), é que permitiram a chegada a esta linha de raciocínio.

Assim, é possível verificar-se que nos cartões associados a acontecimentos ansiogénicos, são maioritariamente as cenas de Aflição que são escolhidas e colocadas também predominantemente na 1º posição. Este facto verifica-se pois a criança ao ser confrontada com uma situação ansiogénica, tem a tendência a desenvolver uma emoção de aflição, que varia consoante a temática exposta. Por exemplo, no caso do Cartão I, onde a personagem se perde da mãe, é vivenciado uma situação causadora de medo do abandono ou perda, e é o facto de como a criança lidará com ela, que nos irá permitir perceber a intensidade desse receio (Fagulha, 1997). Claro, que também se verificam excepções, porque as escolhas dependem muito da criança, da sua vivência, do mundo que a rodeia e no qual ela vive. Nestes mesmos cartões, a tendência que é possível também se visualizar é que na 3º posição, as crianças tendem a tentar dar um desfecho mais realista, e por vezes, fantasista. No que se refere aos cartões que remetem para acontecimentos prazerosos, são as cenas de Realidade as mais escolhidas e colocadas maioritariamente na 1º posição. Sendo as restantes escolhas, nas outras posições, à volta da categoria de Realidade e de Fantasia. Contudo, também se verificou que a escolha de cenas de Aflição também estavam patentes, e uma vez mais aqui se encontra a certeza de que muitas das escolhas são influência da vivência pessoal de cada criança.

No que diz respeito, à Escolaridade, umas das nossas questões, na qual procurávamos perceber a diferença entre dois anos de escolaridade (1º e 4º ano). Foi possível observar que no 1º ano, nos cartões associados a acontecimentos ansiogénicos,

a tendência era colocar na 1ª posição, cenas correspondentes às situações ligadas à Realidade, passando por sentimentos de Aflição, mas depois o desfecho era quase sempre em cenas de Realidade. Já nos acontecimentos ligados a emoções prazerosas, foi possível constatar que são as cenas de Realidade que são predominantes nas escolhas. Em relação ao 4º ano, são as cenas de Aflição que têm maiores percentagens de escolhas, nos cartões associados a acontecimentos ansiogênicos. Nos cartões cujos acontecimentos remetem para emoções de carácter prazeroso, são as cenas de Realidade que apresentam uma maior quantidade de escolha.

Assim sendo, as crianças que se encontram a frequentar o 1º ano de escolaridade, procuram quase sempre uma solução mais realista, sendo que o que seria de esperar, era que tivessem mais associadas às emoções de Aflição perante as situações ansiogênicas, como se verifica no 4º ano, uma vez que ainda não têm uma boa percepção e capacidade de lidar com a frustração e ansiedade, ou seja, ainda não conseguem controlar e regular a intensidade das mesmas quando estas surgem, pois isto é uma capacidade que vão adquirindo ao longo de todo o seu desenvolvimento (Kalat & Shiota, 2007). As crianças do 4º ano, como já referido, apresentam uma maior escolha de cenas de Aflição, pois apesar de já terem um pouco mais de idade (embora não se saiba a influência), já possuem um pouco mais de desenvolvimento, tanto a nível da maturidade, como a nível social, logo têm uma maior capacidade de perceber a situação, tal como ela se apresenta, e a reagir mais de acordo com a mesma.

A discussão da diferença de géneros é um dos outros pontos do trabalho, onde se procurou observar se existe alguma diferença entre o género Feminino e o género Masculino.

No género Feminino, constata-se que nos cartões associados a acontecimentos ansiogênicos, são as cenas de Aflição que apresentam na maioria das percentagens mais altas. Contudo também existe uma procura de uma resolução realista, sendo na 3ª posição da sequência onde se verifica a maioria das percentagens mais altas. Essa escolha de cenas de Realidade, também se verifica nos cartões cuja situação caracteriza um acontecimento prazeroso. Relativamente ao género Masculino, as escolhas predominantes para cada grupo de cartões (ansiogénico e prazeroso), não diferem muito do grupo Feminino, ou seja, também existe o predominio das cenas de Aflição nos cartões associados a acontecimentos ansiogênicos e de cenas de Realidade nos cartões cuja situação remete para emoções de carácter prazeroso. Contudo salienta-se o

facto de que neste grupo, as cenas de Fantasias conseguem apresentar um maior número de escolhas, em relação ao grupo Feminino, nomeadamente na 2º e 3º posição da sequência.

Deste modo, ambos os grupos reagem às situações apresentadas, conforme o que é esperado, com algumas excepções, como também já seria de se esperar, uma vez que estamos a lidar com diferentes crianças, que logo têm diferentes educações, culturas e capacidades de aprendizagem. Contudo, seria de esperar que fosse o grupo Feminino, que tivesse maior número de escolha de cenas de Fantasia, uma vez que foi sempre o que esteve mais associado a nível cultural a esse universo da fantasia, do mágico.

Por último, nesta discussão interessa focar um outro ponto analisado que é a diferença que existe entre os dois grupos, em cada uma das nove cenas existentes para cada cartão.

No Cartão I, acontecimento ansiogénico, onde a personagem se perde da mãe e fica sozinha, é visível que ambos os géneros escolheram com maior frequência as cenas 1 e 4, que representam a categoria da Aflição, indo portanto de acordo com a temática do cartão. Em relação à escolaridade, foi possível observar que também se verificou para ambos os grupos (1º e 4ºano), a escolha das cenas 1 e 4, embora que para o 4ºano, também exista uma percentagem considerada razoável de crianças que seleccionam a cena 2, ligada à categoria Aflição.

No Cartão II, cuja situação remete para temática da doença, onde a criança se encontra doente, e a precisar de cuidados médicos. Neste, no género Feminino, são as cenas de Realidade (a cena 1) que têm uma maior percentagem de escolha, embora exista também uma percentagem elevada na escolha de cenas de Fantasia (cena 3) e Aflição (cena 9). O primeiro impacto é procurar arranjar um acontecimento realista da situação. Enquanto que no género Masculino, apesar de também terem a selecção de cenas de Aflição, que são as que se encontram mais associadas à temática, é visível um predomínio também de cenas de Fantasia (cena 3). Assim, o género Masculino, apresenta um lado mais fantasista, como já foi verificado em pontos de análise anterior. Relativamente à variável Escolaridade, constata-se que no 1ºano são as cenas de Realidade (cena 1) e a cena de Fantasia (cena 3) que apresentam os maiores valores. Já no 4ºano, a maior percentagem é visível na escolha de cenas de Fantasia (cena 3) e de Aflição (cena 9). Apesar de se tratar de um cartão associado a um acontecimento ansiogénico, as cenas de Aflição, nestes grupos, não são as que apresentam as

percentagens mais altas, com exceção do 4ºano. Existe um recurso maior à fantasia, para resolver a situação exposta.

No que se refere ao Cartão III, onde se vivencia uma situação de ida à praia com os pais e se coloca a possibilidade de convívio com estes e com os pares, iniciando-se pelo género Feminino, foi visível que as cenas de Realidade (cena 1) são as que aparecem com as maiores percentagens, assim como no grupo Masculino. Deste modo, para estes grupos, a temática em si, leva a que a procura da Realidade seja a mais adequada. Em relação ao 1ºano, são as cenas associadas à Realidade (cena 1) e à Fantasia (cena 7), que têm os maiores valores. No 4ºano, são as cenas de Realidade (cenas 6 e 8) à qual correspondem os valores mais elevados. Tratando-se de um cartão associado a uma temática prazerosa, torna-se patente que os valores obtidos, vão de encontro com a temática, em ambas as variáveis em análise.

No Cartão IV, que corresponde a um acontecimento despertador de ansiedade, onde a personagem acorda de um pesadelo, sendo para muitas crianças, um acontecimento bastante familiar, e de onde surge o medo ou terror da escuridão, entre outros. No género Feminino, são as cenas de Aflição (cena 2 e 4) que apresentam uma percentagem mais elevada de escolhas, em detrimento das cenas de Fantasia, que como já esperado têm uns valores de escolha relativamente baixos. No género Masculino, também são as cenas de Aflição (cena 2 e 7) que têm os maiores valores, e ao contrário do género Feminino, neste as cenas de Fantasia, conseguem ter valores mais altos. Relativamente à Escolaridade, no 1ºano, verifica-se que são as cenas de Aflição (cena 2), que têm as maiores percentagens. E no 4ºano, são as cenas de Aflição, e também de Realidade que têm os maiores valores.

No Cartão V, situação prazerosa, de convívio, que consiste na festa de aniversário da personagem, no género Feminino, bem como no género Masculino, são as cenas de Realidade (cena 8) que se verificam como tendo as percentagens de escolha mais elevadas, em detrimento, de como seria de esperar das cenas de Aflição, com as percentagens mais baixas. Na Escolaridade (1º e 4ºano), o mesmo também se constata, com as maiores percentagens na escolha de cenas de Realidade (cena 8). Tratando-se como já referido de um cartão ligado a emoções de prazer, torna-se evidente que o resultado esperado, seria este ao qual se chegou.

No que diz respeito ao Cartão VI, que se encontra associado a um acontecimento de carácter ansiogénico, onde a personagem assiste a uma briga de pais, que para muitos é vivido como desencadeador de emoções de frustração, por não conseguirem intervir e

terem o receio de abandono de uma das partes. No género Feminino, é visível que a maior percentagem se verifica na escolha de cenas de Realidade (cena 1) e Aflição (cena 2 e 4). Assim como no género Masculino, também se confirma a maior percentagem na escolha de cenas de Realidade (cena 1), assim como de Aflição (cena 9). Relativamente à Escolaridade, são as cenas de Realidade, que no 1ºano apresentam os valores mais altos, enquanto que no 4ºano, são as cenas de Aflição. Assim, para as crianças do 1ºano, o acontecimento pode ser continuado pelo recurso à realidade, não obstante a presença da aflição. Enquanto, que no 4ºano, existe a presença mais acentuada do confronto com a situação em si, remetendo para a selecção de cenas que retratam a emoção despertada, ou seja, de ansiedade, aflitiva.

Por último, no Cartão VII, ligado a uma acontecimento também ansiogénico, onde a personagem em contexto de sala de aula, passa pela situação de incapacidade perante a turma toda, é visível que quer no género Feminino, quer no género Masculino, são as cenas de Realidade que têm uma maior percentagem de escolha. Em relação à Escolaridade (1º e 4ºano), o mesmo se verifica, com a escolha de maior número de cenas de Realidade (cena 1 e 8).

Deste modo, ambos os géneros optam pelas cenas que se enquadram no que a temática dos cartões simboliza, existindo algumas excepções e variações no número da cena seleccionadas. Embora exista ainda casos, em que a opção de escolha da respectiva cena, para determinada situação, é igual para ambos. Pode-se também, afirmar que não se registaram muitas variações na forma como encaravam cada acontecimento. Notado-se mais, é que o género Masculino, apresenta um lado fantasista mais acentuado.

No que se refere à Escolaridade, a diferença que se foi notando, foi na interpretação e confronto com os acontecimentos. Também pelo facto de no 1ºano, ainda não existir uma base muito sólida de como reagir a determinados acontecimentos e pela situação de teste em si, pois verificava-se que ficavam mais ansiosos, na aplicação da prova. No 4ºano, talvez pelo facto de estarem mais habituados à situação de prova, notou-se que estavam mais à vontade e logo tinham outro tipo de interpretação e confronto com a situação apresentada.

Este estudo apresenta diversas limitações inerentes a todo o processo de elaboração do mesmo. Começando pelo início, uma das limitações surge quando houve a necessidade de efectuar uma mudança do tema, para se poder ajustar ao tempo disponível e às condições que a escola colocou. Em primeiro lugar, pretendia-se perceber a relação da elaboração das emoções em crianças com idades compreendidas

entre o 6 e os 10 anos e os problemas de comportamento. Para tal, ir-se-ia proceder à aplicação do teste projectivo “Era uma vez...” para avaliar a forma de elaboração das emoções, e do ICCP (Inventário do Comportamento da Criança para Pais e Professores), para se determinar os principais problemas de comportamento. Para posteriormente, se perceber consoante determinado tipo de elaboração (mais ansiogénica, ou mais prazerosa), qual o tipo de problema de comportamento mais associado e vice-versa, para estas idades e consoante o género. Contudo, não foi possível a recolha deste último ponto, e por tal, houve a necessidade de se ajustar o objectivo do estudo às condições que passaram a existir. Uma outra limitação, corresponde ao número limitado da amostra (N=29), que não permite que se possa inferir qualquer conclusão ou extrapolar para a população no geral. Assim, não sendo possível efectuar uma análise estatística, com a aplicação do Qui-Quadrado, pois devido ao número reduzido de elementos e consequentemente de respostas, todas as frequências obtidas eram não significativas, não tendo qualquer relevância para análise. Deste modo, optou-se por realizar uma análise mais qualitativa, e procurar elaborar um estudo mais plausível.

Apesar destas contradições que se impuseram no processo de construção deste estudo, considero que a elaboração do mesmo tratará a possibilidade de dar a conhecer mais um pouco o lado das emoções, a que diversos autores, de um tempo para cá se têm debruçado. Assim como, dar a conhecer o teste projectivo “Era uma vez...” que é um elemento chave na percepção da forma de elaboração emocional das crianças.

Considero que futuramente seria interessante, realizar o mesmo estudo, mas numa amostra de maiores dimensões, que permitisse ajudar a perceber se de facto existe diferenças consoante o género e a escolaridade. Um outro ponto, seria colocar a idade como uma outra variável, para ajudar a perceber a relação dos resultados obtidos, com os quadros normativos existentes para as diferentes idades. Aproveitando para realçar que, falando novamente no estudo que pretendia realizar, seria interessante tentar desenvolvê-lo também com amostras de maiores dimensões, de modo a perceber a relação do “mundo” das emoções com o “universo” dos comportamentos.

## Referências bibliográficas

- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss*. New York: Basic
- Damásio, A. (2003). O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. Europa-América, Mem Martins.
- Damásio, A. (2004). Emotions and Feelings: A Neurobiological Perspective. In Manstead, A.S., Fridja, N., Fischer, A. (Eds), *Feelings and Emotions: The Amsterdam symposium* (pp. 49-57). Cambridge: Cambridge University Press
- Darwin, C. (2006). A expressão das emoções no homem e nos animais. Lisboa. Relógio de Água Editores.
- Denham, S. (1986). Social cognition, prosocial behaviour and emotion in preschoolers. *Child development*, 57 (1), 194-201.
- Dunn, J. (2004). The Development of Individual Differences in Understanding Emotion and Mind. In Manstead, A.S., Fridja, N., Fischer, A. (Eds) *Feelings and Emotions: The Amsterdam symposium* (pp. 303-320). Cambridge: Cambridge University Press.
- Fagulha, T. (1997). “Era uma vez...” *Material e Manual do Teste*. Lisboa: CEGOC/TEA.
- Fagulha, T., (1994). A Prova «Era uma vez»: Uma nova prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 4 (XII), 511-528.
- Fagulha, T (2008). “Era uma vez...” Prova Projectiva para crianças. In Almeida, L.S., Simões, M.R., Machado, C., Gonçalves, M.M. (Eds). (Vol II) *Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa*. 1º edição. (pp.109-122). Coimbra. Quarteto
- Gross, J.J. (1999). Emotion regulation: past, present, future. *Cognition & Emotion*, 13 (5), 551-573.
- Harris, P. (1994). Children and emotion: The development of psychological understanding. Oxford, U.K.

Izard, C. & Harris, P. (1995). Emotional development and developmental psychopathology. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds) *Manual of developmental psychopathology: Vol 1. Theory and models*. (pp.467-503). New York: John Wiley.

Kalat, J. & Shiota, M. (2007). *Emotion*. Canadá: Thomson Wadsworth, 1-94.

Koop, C.B. (1989). Regulation of distress and negative emotions: a developmental view. *Developmental Psychology*, 25, 343-354.

Leal, M. (1985). *Introdução ao estudo do processo de socialização precoce da criança*. Lisboa

Lewis, M. (2004). The Emergence of Human Emotions. In M. Lewis & J.M. Havilland-Jones (Eds), *Handbook of emotions*. 2<sup>nd</sup>. Ed. (pp.265-280). New York: The Guilford Press.

Mandler, G. (1984). *Mind and body: Psychology of emotion and stress*. New York: Norton.

Manstead, A.S., Fridja, N., Fischer, A. (2004), *Feelings and Emotions: The Amsterdam symposium* (p.52). Cambridge: Cambridge University Press

Melo, A. M. T. (2005). *Emoções no período escolar: Estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de externalização e internalização da criança*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade do Minho.

Oatley, K. & Jenkins, J.M. (2002). *Compreender as emoções*. Lisboa. Instituto Piaget.

Russel, J. & Bullock, M. (1986). On the dimensions preschoolers use to interpret facial expressions of emotion. *Developmental Psychology*, 22. 97-102.

Solomon, R.C (2004). The philosophy of emotions. In M. Lewis & J. M. Havilland-Jones (Eds) *Handbook of emotions*. 2<sup>nd</sup>. Ed. (pp.3-15) New York: Guilford Press.

Strongman, K.T. (1998). *A Psicologia da Emoção*. 4<sup>nd</sup>. Ed. Lisboa. Climepsi Editores.

Winnicott, D. (1971). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda.

Wolff, P. H. (1987). *The development of behavioural states and the expression of emotions in early infancy*. Chicago: University of Chicago Press.